

G O D I D O
E
OUTROS CONTOS

TÍTULO: Godido

AUTOR: João Dias

Capa: António Aires

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

África Nova. Secção de Moçambique. Lisboa 1952

Composição e impressão: Casa Minerva. Coimbra

2.^a Edição: Associação dos Escritores Moçambicanos.

Colecção Karingana n.º 9. Maputo 1989

3.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da

1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 378/14

Apoios Institucionais:



JOÃO DIAS

G O D I D O

E

O U T R O S C O N T O S

ÁFRICA NOVA

1952

INÉDITOS DE JOÃO DIAS A PUBLICAR:

- **Cadernos da Juventude e outros escritos.**
- **Correspondência diversa.**

ÁFRICA NOVA

PUBLICADO

- 1 — **Godido e Outros Contos** — João Dias

A PUBLICAR

- **Para um Esboço de Panorama Literário em Moçambique**
— Orlando de Albuquerque
- **Poesia de África Portuguesa** — Diversos

O presente volume, primeiro da colecção **África Nova**, foi organizado por Alda Lara, Vítor Evaristo e Orlando de Albuquerque. O produto da sua venda destina-se à criação do «Prémio João Dias», a atribuir a autores da África Portuguesa.

Edição sob o patrocínio da Secção de Moçambique da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa.

Desta edição fizeram-se dez exemplares em papel especial rubricados pelos editores e destinados às famílias de João Dias e António Aires.

PÓRTICO



Lei de bronze!

Com seus armamentos de ferro, o reino de Godido era então o mais forte de região. Superava quantos lhe apareciam. Em todo o sítio a voz do vátua era indiscutivelmente a voz de baixar a cabeça e saudar Bayette! Bayette!!! E não se toleravam insubmissões. De uma vez, para castigar um induna revoltado, o régulo chamou-o à sua cubata e ele próprio lhe enterrou uma navalha nos pulmões. A vida de glória enchia todo o povo vátua que corria de norte a sul, escangalhando com magestade tudo que lhe aparecia pelo caminho.

Átila negro de paragens indecoradas!!!

Foi nesse tempo que passeando à margem do continente, mesmo junto às águas do mar, se soube que havia naqueles sítios, talvez roubando, talvez matando, uma tribo de piratas, vindos do mar, a cor deslavada de orientais (chineses) estampada na cara. Eram ferozes ladrões e mostravam grande esperteza. Diziam os negros de Mfumo que aqueles piratas pálidos seriam capazes até de roubar as insígnias da testa dos régulos sem que eles se apercebessem.

O monarca negro olhou-se com aquela suficiência de homem bastante. Não cansara ainda as suas ambições. Olhou as tropas disciplinarmente equipadas, os rostos

contraídos de quem ainda guarda ódio pelo adversário. Uma madrugada caíram sobre os piratas. O choque foi forte, inesperado, esmagador. Não havia que duvidar. O Godido sentou-se e falou entusiasmado ao seu povo. Não valia mais a pena correr atrás de inimigos quando eles tropeçando em seus próprios passos iam recomeçar muito longe uma vida desbaratada. O monarca ainda quis exigir que apanhassem o chefe dos piratas e que o trucidassem com meia dúzia dos homens que o tinham acompanhado. Regressaria mais uma vez triunfalmente ao seu regulado. E tudo daria razão para uma batucada. Os piratas, contudo, não tinham sido adversários. Os seus próprios soldados o criticariam se desse modo procedesse. Não era um grupo que se vencera. Talvez um inimigo que a si próprio se vencera só pela percepção de tropas vátuas marchando.

*Quando mais tarde, um pouco ao Norte, o **rei dos brancos** veio como então o negro, impor a lei de bronze aos vencidos, o herói vencido ajoelhou seus pés em terra, mãos acorrentadas, comitiva descrente à volta, todos certos de que, como para outros povos, chegara também a vez de todo o povo exclamar: Bayette, bayette!*

E a lei de bronze foi martelada artigo por artigo.

J.D.

INTRODUÇÃO



«Mais uma vez bradamos pela justiça porque todo o homem sujeito à opressão tem o direito de reagir, de destruir tudo o que se oponha à sua liberdade».

Tinha dezassete anos a mão que escreveu estas palavras!...¹ Elas explicam, contudo, toda uma obra e toda uma vida que, embora lamentavelmente curtas, foram intensa e dolorosamente vividas.

João Dias morreu quando começava a mostrar-nos as reais possibilidades do seu talento. A obra que nos deixou é pequena e inacabada. Entretanto, mesmo assim, é suficiente para nos dar o quanto das suas possibilidades e justificar a iniciativa de alguns dos seus amigos em lha editar, evitando que, lamentavelmente, se viesse a perder no esquecimento que, tarde ou cedo, acaba por cobrir aqueles que a morte leva...

Já alguns anos antes do seu falecimento² nós tínhamos chamado a atenção do público moçambicano para a obra que ele começava a construir. E não hesitámos

¹ João Dias — Cadernos de Juventude e outros escritos (a publicar).

² In *O Brado Africano* o artigo «João Dias — um contista moçambicano de quem muito há a esperar».

então em escrever, perante o cepticismo de quem nos leu, as seguintes palavras:

«Eis enfim, um livro que, segundo cremos, vai ser a estreia de João Dias, e que nos dará a certeza dum contista. Estamos certos que, pondo de parte todas as tibezas de quem começa, ele dará um lugar de destaque ao seu autor na jovem literatura moçambicana, que procura começar».

Não duvidámos mesmo em vaticinar um «lugar sólido e firme no panorama de amanhã a João Dias, um contista de quem muito havia a esperar»...

Não quis a sorte, ou o destino, que ele pudesse confirmar as nossas palavras!... Mas o pouco que nos deixou é mais que suficiente para nos provar a justeza das nossas previsões...

Tratava-se, na altura, de um livro de contos ainda incompleto — Godido — de que alguns aqui estão, incluídos sob essa rubrica, a ser publicado em «Estante Moçambicana», um dos sonhos desfeitos dos jovens moçambicanos da Metrópole nesse tempo.

Godido, o personagem principal dos diversos contos, iria passando de uns para os outros, estabelecendo assim um fio de ligação entre eles e dando-lhes certa unidade, embora cada conto pudesse viver independentemente por si.

Era a vida dum negro contada por outro negro!...

Autênticos «instantâneos» da vida de Godido (Godido é um símbolo!), ao lê-tos, era como se folheássemos um álbum de belas e pungentes águas-fortes e por elas fôssemos «vivendo» e «sentindo» a vida dos personagens, homens e mulheres, arrancadas da vida moçambicana de todos os dias...

Ricos de sensações, esses contos dar-nos-iam a alma do negro no que ela tem de mais recôndito e ignorado. Uma «visão absoluta» motivada por uma nossa

total adesão ao drama vivido pela alma e pela imaginação do seu criador, no seu emprego feliz de meias tintas, que, por isso mesmo, nos obrigavam a «ver», sentindo, tudo o que as palavras não exprimiam... Esplêndida, por exemplo, e rica de realismo emocional a cena em que Godido é surpreendido sem bilhete no comboio pelo «revisor bom»... Também ele, João Dias, foi surpreendido sem bilhete neste comboio de vida!...

Há quem o tenha acusado de ser um germinador de ódios rácicos. Nada mais falso!... Ele foi apenas uma vítima!... Um pobre Godido esmagado e lacerado pelas nossas circunstâncias sociais, numa sociedade modelada por preconceitos raciais, onde ser branco encobre todas as deficiências e ser preto proíbe todo o valor...

Que esperar, então, dum homem a quem quotidianamente laceram a carne e a alma?...

João Dias não era um santo. Não podia, pois, oferecer a «outra face». Era um homem!... Um homem «profundamente humano», com as suas virtudes e os seus defeitos!... Não era de admirar que soubesse odiar. A culpa não era dele!... Ensinaram-no!...

Obrigaram-no a isso!...

«Estavam-no esmagando muito de perto; eles não lhe deixavam espaço. O que ele queria fazer era outra coisa, mas sentia que não podia, que nunca poderia. Vivia querendo qualquer coisa e sentia que não deixavam. E reagiu e lutou. Ele sentia que eles eram duros e reagiu duro. Mas ele não era duro. Não era duro nem um bocadinho...»¹

Mas na sua alma também havia compreensão, sentido de justiça... A cena do comboio, ou *Indivíduo preto*,

¹ Richard Wright — *Filho Nativo*.

nunca poderiam ter sido escritos por um homem que apenas soubesse odiar!...

Pena foi que João Dias não tivesse tido tempo de «concretizar» melhor a sua personalidade e então não seríamos tão injustos para com ele!...

«Godido» era o início de uma obra. Ficou esboçado apenas, como a pedra duma casa que não se chegou a construir e que o pedreiro mal aparelhou... Mesmo assim, o pouco que pudemos salvar, não vai deixar de ocupar o lugar a que tem direito dentro da nossa incipiente literatura africana. É que João Dias esboça-nos (não teve tempo para tratá-lo convenientemente) um problema como nunca nas letras portuguesas foi tratado — *o verdadeiro problema do negro tratado por outro negro também*.

Nada de sentimentos postiços ou de reacções de empréstimo, como o fazem os nossos autores que têm tido a pretensão de escrever sobre o negro!... Aqui há vibração, há sentimentos reais, escritos com a sinceridade duma alma que sente e vive o que escreve porque VI-VEU!...

E essa é, sobretudo, a grande virtude de pequena obra que nos deixou...

.....
Não nos compete a nós analisar aqui os seus escritos. Eles aí ficam para que o leitor ajuíze. Nem tão pouco ainda é tempo de falarmos do João Dias como homem.

Ele passou na vida como o rato do livro de Richard Wright¹, a que um dia se comparou. A vida para ele foi um Buddy blasfemando ódio. E também ele «se despreendeu, cruzou o espaço e foi achatar-se na parede».

¹ *Ob. cit.*

«O rato guinchava e corria em círculo, procurando onde esconder-se; ao passar por ele arreganhava os dentes e continuava procurando o buraco. Mas acabou por ficar ferido pela caçarola de Buddy no meio da caixa em cacos, com os dentes arreganhados a procurar ainda defender-se».¹

Que rato poderia resistir à força humana de Buddy?... Que homem poderia resistir à força cruel da Vida?...

.....
«O negro ainda estava agarrado aos varões de ferro. Depois sorriu num esgar amargo. Ouvira o aço bater contra o aço, quando a porta se fechou.»²

Coimbra, Abril de 1952.

Orlando de Albuquerque

¹ *Ob. cit.*

² *Ibid., ob. cit.*

GODIDO



Anda uma escuridão de vinte e duas horas sem luar. Noite que se não acende, negra como a vida de qualquer negro, como toda a noite sem batuque nem mulheres embriagadas de puto na senzala.

Na penúltima palhota, à direita de quem vem do norte pelo caminho central da povoação, Carlota esperneia contorsões de parto! O candeeiro de óleo de coco à cabeceira vai-se apagando. A negrura que escorrega deixa só iluminados os gritos desordenados da negra.

O dia seguinte virá inaugurado com vinho e batucadas, em saudação ao Sol, à serra, às pedras e aos animais. Quando o poente vier e no lugar só houver a silhueta imprecisa do cair da noite despersonalizado, as árvores emudecidas suas folhas e ramos, deixarão coar os olhos vivos da mãe em seu brilho.

Chegaria o pai nem se sabe donde, a saber do filho pelos caminhos. Estradas e atalhos dir-lhe-iam ansiedade, e, cansado, dar-lhe-iam a aldeia que abraçava. Escapar-lhe-iam vagorosamente, saudosamente, a palhota da nhá Emília, a machamba de Henrique. O cinismo de «docodela» estaria longe. Apertados naquele abraço só caniços da palhota dela. Sacudiam-se-lhes as pernas;

a palhota como que se elevava às outras no espaço e já não era de caniço, nem palhota, mas uma casa como as da cidade.

Nascera um quase-Deus!...

— Meu filho!

E António repetia «meu filho, meu filho!», esquecendo-se que Carlota também ali estava, mas era filho dele.

Chegara à palhota aos gritos no coração.

Abria-se lentamente a porta.

Já se não sentia a povoação ao redor. Um candeeiro empurrava traços de luz sobre o recém-nascido. Panos e sangue coalhavam próximos. As paredes pretas baralhavam-se com as carnes pretas dos presentes.

— Minha Carlota! Godido, filho de negro António e *si-nhara Carlonti!* Godido, soba!

No pai passavam vertigens; louco agarrava a criança, e tombando sobre o candeeiro, rebentava pela porta, dando seu filho à lua.

— Quenguelequezé! Quenguelequezééé... Zéééé!!!

Tremida em lágrimas, destilava uma voz de escarros na garganta. Negro António punha olhos e braços pelo luar. Nos braços, a criança; nos olhos — que não na esperança — o mesmo negro feito Gungunhana destoutras gerações.

Mãe-Lua saberia aquele novo filho: dela, de António e de Mamana Carlonti. E deitaria pedacitos de luar como em baptismo.

Silêncio na povoação.

Carlota amarrava as capulanas pachorrentamente, e quase não pisando o chão, saía a juntar-se ao pai e ao filho. A voz do negro cantando abafava. A aproximação da fêmea é o máximo do seu desejo. Que arrancasse

um cantar lírico de dor pela sua ignorância, que trau-teasse descompassadamente a sua condição de carneiro se se lhe lembrassem tais sentimentos. E se nunca lhe tivessem falado no viver complicado de calabouços. Mas os seus cantares — *tinham dito* — pelo recém-nascido imaginado rei, apesar de se saber que lavar pratos e coleccionar insultos seria seu destino. Quando a respiração de Carlota aqueceu, o negro calou-se de todo.

Juntos musicariam a sorte do filho, rumores se espalhariam, e velhos e novos cedo estariam dançando, gritando e rindo em volta. E da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, sempre velhos e novos ou novos e velhos, dançando, gritando a rindo!

— Minha Carlota!

Seu mundo adormecido sob um tecto que esmaga a testa. Sua Carlota! Senhora de toda a lama, escrava de todo o Céu!

Aconteceu que negro António não veio, nem a batucada estalou. Detrás das nuvens abaixou-se o luar, e só houve real o corpo escuro desentranhado de Carlota. Os vizinhos dormiam em suas palhotas a festa não acordada. Que nascera um filho só de Mamana Carlonti!

Não mais o «Quenguelequezé!»

Para ela esses sonhos com negro António, ficaram-se em sonhos. Todos os pais negros de Godido podiam ir ali fazer o «Quenguelequezé». Nem um!

Cada qual temia o branco e os irmãos negros concorrentes. O branco havia mesmo de gargalhar ao que lá fosse:

— «Seu negro corno!»

E para os restantes negros:

— «Cabrões!... Vocês também...»

A rir ficava sempre o ar que estivesse presente
e transmitiria aquela história dos pais de Godido.

Godido! Capim miúdo. «Filho das ervas!»

Negra Carlota da Vida.

Um pedaço de carvão ardendo em uma mentalidade ávida de justiça. Ódio a civilizações tidas por superiores por nelas se esconder qualquer coisa de nefasto. Eis a imagem duma raça: Godido.

Porque estaria ele ali, amarrado à imundície de um quarto que é um curral, sem uma esteira onde deitar o corpo e com o chicote do carcereiro a cortar-lhe os gritos e a garganta? A sua cama é o chão gelado de cimento. De tempos a tempos, a horas determinadas, as fechaduras castanhas de ferrugem rangem sobre si próprias, deixando passar um cheiro a bofe e papas. Talvez que aquela refeição fosse mais bem empregada para o Bobby, o cão da Isaura. Que o Bobby sempre guarda a casa e lambe as mãos ao dono; Godido não passa de um negro insurrecto, cem mil vezes insurrecto. Mas afinal... Godido será gente? Talvez... talvez tivesse nascido cão, talvez; e talvez seja homem.

Uma noite escura como todas as noites em que não há batuque nem mulheres na senzala. Na sua palhota, à luz mortiça de um candeeiro de óleo de coco, um corpo espreme-se em contorsões nervosas. A Natureza verifica mais uma vez a lei de Lavoisier: nada se está criando; é uma transformação da qual resulta Godido. Fora um novelo de algodão que, ao descer à Terra, o negro de fumo de uma chaminé atravessara. Tomara desde logo aquele sabor a carvão e cozinha. Ah! Maldita hora! Fora um caso accidental. O vento arrastara-o e a curiosidade também. Agora, paciência. Era viver camuflado a vida inteira como os carros de assalto, e propagar o mal aos seus descendentes. Verdade, verdadinha

que ser da cor do carvão era uma tragédia. Mas as consequências daquela imprevidência manifestar-se-iam mais tarde.

Então só a infância sorria em Godido que como um Rotschild a receber libras, ia recebendo o suor das costas da mãe, quando encavalitado nela, a via no amanho da terra. Como era bom depois do Sol, braseiro do meio dia, descansar à sombra do imbondeiro e morder com guloseima as mamas da negra, prenhes de leite. Eram volúpias de frescor. Nessa idade já ele se mostrava todo uma temperatura tropical, um sangue quente forçosamente avesso à inacção. Tinha birras de entontecer. A mãe faiscava-o com o olhar, mas depois... o peso da enxada que só de noite o branco lhe tirava das mãos, e os trabalhos ininterruptos do dia e às vezes da noite, vergavam-lhe o ânimo. E na face negra pintava-se um sorriso que dir-se-ia um bocejo de indolência: «Não me irrites». Por isso a chamavam indolente. Ela que tudo dava ao branco: trabalho e corpo. Sim, que não ficava na enxada a exploração. Às vezes o branco punha de lado a escrava e procurava a fêmea, a geradora. Apesar de tudo riam-se dela, da indolente, que não reagia às chicotadas ou carinhos do patrão nem às meninices do filho.

A vaca do caseiro procriava pela décima vez depois do nascimento de Godido. O pretinho afastou a «capulana» que o segurava às costas maternas, desencavalitou-se e vestiu a primeira camisa. Civilização e selvageria encostam-se na sua cintura; por baixo tanga, por cima camisa.

Um dia a negra resolve mandar o filho para a vida, para o trabalho. Ensina-lhe meia dúzia de mezinhas, fita-o num olhar meio sorriso, meio choro e diz-lhe um caminho: «Vai-te... que preto não é senhor de si; preto é escravo».

Trouxa às costas — uma trouxa mal feita de capulanas sujas — maçaroca e amendoim para a viagem. Aquele cheiro a suor das costas da mãe, searas infindas com negros que só se usam como auxiliares de trabalho. «Barranco a mandá e os preto como boi a puxá chàrrua, a simiá, a simiá... até fim». Godido detestava esta vida. Nascera rei nas costas da mãe; fora ditador onde a mãe não fora mais que o povo oprimido. Não, não! Odiava aquela vida rastejante, a imagem do branco a esquartejar sua mãe, física e moralmente. Iria para a cidade, para a civilização, onde não haveria certamente nem brancos a chicotear nem pretos a obedecer. A civilização deveria ser alguma coisa de melhor, com gosto a «matapa» ou a toucinho do céu. Estava dito e resolvido: ia conhecer a civilização.

A terra, fugida do Sol, arrefecia. A tarde descia na subida íngreme onde Godido era um monumento de sonhos e ilusões. À borda dos caminhos os cajueiros descansavam no alto os seus frutos amarelos, idênticos a campainhas cujo badalo se encolhesse junto ao cabo por engano. No chão, ervas verdes de folhas fortemente recortadas: a batata doce. O negro olha os cajueiros, pisa indiferentemente a batata doce. Esta é o símbolo da vida do mato. O cajueiro, qualquer coisa que Godido sente muito acima de si e para a qual volve os olhos cobiosos: civilização.

Nos fragmentos de uma noite que a luz eléctrica dispersou, Godido sente a primeira embriaguês do Progresso. Automóveis sem pretos a puxar, casas-monstros de cimento e pedra, sem caniços nem barro! «Preto fica como vinho; não sabi olhá, não sabi como há-de fazeri. Vai nos casa de branco, dipôs fica no rua a andá, andá...»

Mais tarde Godido quis aprender a ler, e deram-lhe painéis para lavar. Mirou a rua, ambicionou pisar o alcatrão da calçada e correr os olhos furtivos pelos edifícios em redor; obteve um passe, uma licença onde a sua impressão digital era a assinatura, e só então pôde pisar o alcatrão da calçada e correr os olhos furtivos pelos edifícios em redor. A juntar a tudo isto veio-lhe o imposto de capitação, uma população hostil e o desejo de estar só onde não estava. Suspirou pela sua vida primitiva e quis fugir. Apanhado, ficou a apodrecer numa cadeia. Quando gritou que era livre e rei nas costas da mãe, o mundo cuspiu gargalhadas de ódio no negro que queria ser mais que escravo.

Com o tempo veio a sua ordem de soltura e com ela a polícia a chicoteá-lo pelas ruas quando de noite se demorava em alguma esquina. Godido não percebia aquela atitude e interrogava os patrões.

— «Porque és negro e de negro não passas» — respondiam-lhe eles com sorrisos.

Sim, era isso. Ali estava toda uma doutrina de ódio de raças. Agora compreendia que ser negro era algo de mais mesquinho que a lepra. Era ser cancro, cancro entre os civilizados. Como os negros deviam invejar a raça do Bobby da Isaura!

Godido pediu compaixão, um pouco de humanidade. Que pavor! E os céus não desmaiaram sobre a terra?! O negro queria emancipar-se; não era outra coisa. Coitado! Ele a pedir liberdade! Ele que só fora livre nas costas da mãe, e para quem a liberdade se limitava a morder com guloseima as mamas da negra, prenhes de leite. Ele que nascera e vivera na escravatura, pedia a graça de «dominus» e chamavam-no um revoltado, inflamado de ideias enciclopedistas. Não sabia ler nem conhecia de vista a metafísica, mas era um partidário de Diderot. Não havia dúvidas; os civilizados já o tinham

dito. Era qualquer coisa que ele, Godido, desconhecia. Mas era-o.

E porque daquela boca de lábios carnudos, estrondosamente carnudos, tinha saído uma prece de compaixão, um pedido de graça, ali estava ele amarrado à imundície de um quarto que era um curral, sem uma esteira onde deitar o corpo e com o chicote do carcereiro a cortar-lhe os gritos e a garganta.

O guarda revirou as fechaduras castanhas de ferrugem e arrastou-os pelos corredores ao Gabinete do Comissário. Estavam livres. Que ficassem em casa do chefe Santos.

A família Santos não vivia como as grandes massas miseráveis nem com as comodidades de Henry Ford. Era daquelas famílias condenadas a não ficar na História. Um grupo a equilibrar-se nas cordas da economia. Escudos certos, para despesas certas, todos os meses. Uma ou outra extravagância na lotaria a tentar a sorte. Não se liam jornais nem livros, que o papel estava caro e não compensava. Sopa e guisado, alternando com guisado e sopa do almoço para o jantar. Pão, muito pão, e... batatas. Para o Chefe Santos também umas matinees à porta dos cinemas, nos dias de serviço; e um «casse-tête» a descarregar na negralhada, se o guisado lhe caía rés-vés no estômago.

Fora para aqui que o Comissário enviara Godido e Zafania, os dois negros que abandonaram os calabouços. Nos primeiros dias, suas mãos não se adaptavam ao trabalho.

— Eh rapazes! Vamos a tomar tento no serviço. Estas panelas emporcalhadas!... Não me dêem cabo da louça.

Depois, tudo começou a ficar certamente pronto. Às seis da manhã varria-se o jardim, do lado do canteiro das glicínias para a escada onde o terreno era mais baixo; às sete e meia o café na mesa para o patrão, e o banho quente, ao meio dia, sobre o frio da senhora.

O serviço ganhara regularidade e automatismo. O tempo sobrava, enquanto a patroa ia procurando novos motivos de trabalho para os serviçais.

Os filhos sublinhavam espanto sobre todo o novo movimento da casa.

— Vá lá que esses negros são mais hábeis. Os últimos eram uma lástima — dizia gravemente a Isaura, e todos sublinhavam o dito, num abanar de cabeça, ou num «pois é» de concordância.

Hoje estava-se em noite de véspera de festejos. De cada porta que dava para o quintal vinha luz trazendo os patrões a ler, a conversar ou a ageitar enfeites nos bolos.

Fora estava a debruçar-se a noite baça, com recortes. Carvão em tudo, com brilhares aqui e além, semelhantes a brasas solitárias num céu nem bem azul nem cinzento, que deprime.

A cozinha afastava-se do corpo da casa. Era um apartamento antigo, de tijolo. Sobre um caixote, sentado à porta, Godido batendo com as mãos procurava o ritmo de um canto agreste.

— «Eh! Zafania! Buya. Venha brincarri co gente, a cantari côsa do nosso terra. Anda cá quando não minha còração zanga cum você. Mesmo!»

Enquanto o compasso do «boogie» ou lá o que era, insistia em ficar no ar ao lado da voz de Godido, Zafania foi-se chegando a dançar. Primeiro dança; depois simula um combate de boxe. As mãos a fecharem-se e a espetarem socos num adversário invisível. Defendia-se tapando a cabeça e o rosto. Tudo a compasso. Ele próprio duvidava se combatia ou se dançava. Era sentir.

Quando as forças cansaram deitou-se de costas e cantou com Godido. Uma das vozes afilou. Imitava a Josefa da senzala, ao passo que a outra engrossou toda a virilidade, num gorgoio rouco. Por trás do dueto, por trás das poucas estrelas imóveis que agora moravam nos desvãos do firmamento, ouviram-se as palhotas, a vida no capim, um preguiçar em sítios que se não

sabe, e que dão sono de olhos abertos. Ver o que se não vê, mas se viu. Ou se não viu, mas que está no ar da nossa imaginação.

— Zafania, são horas de servir o jantar.

Agora Zafania olhava de perto os bolos comprados para a festa. Chocava os olhos com os padrões e com o garfo e faca que eles usavam. Ouvia também como eles falavam. Assim aprendia português.

Os bolos de creme, amarelos, com letras e bonitos de açúcar, dizia-se que eram para o Natal.

À tarde, quando o menino Zeca roubava pedacitos de bolo, deu de caras com Godido. Receou-o. Mas não se rebaixava a negros. — «Sabes rapaz!? O Natal é a festa do menino Jesus e do Pai Natal. Eles dão brinquedos a quem não faz maldades. No dia de Natal também se comem doces, beijam-se e abraçam-se os amigos;... estes bolos são para a festa, percebes?...»

No dia seguinte, tudo acordou em «Boas Festas». A Isaura a beijar o pai e a mãe; a Amélia a Isaura; e o Zeca com brinquedos, a trepar ao pescoço das manas. E a Isaura a beijar o pai.

(A Godido ninguém dizia «Boas Festas». Nem beijos, nem nada).

Tomaram chá. Um chá da mesma fábrica «Licungo» de todos os dias; só diferente porque havia bolo-rei e farófias. O guisado ao almoço seria galinha assada com arroz, canja e outros derivados. Vinho engarrafado até. Os amigos mandavam cartões. Alguns, cartões e presentes. Todos se divertiam. Bebedeiras semeadas como capim. Mas eram entre família e ninguém se importava porque era Natal.

A Isaura beijava o pai...

Os criados comeriam melhor. Godido pensou na mãe que não podia comer com ele, e morria explorada às

mãos do branco sem saber que Natal era aquilo: comer, comer e ficar de barriga para o ar.

O Natal assemelhava-se ao «lobolo». Não. Faltava a «tombazana», e só havia comida e vinho como no «lobolo». Mas o Natal lembrava-lhe o «lobolo». Os patrões costumavam contar muito a história do «Mufana» branco que nascia todos os anos naquela data, e havia de tornar bons os que nele acreditassem.

O «Mufana» não se mostrava a toda a gente, e se não fossem alguns a falar dele não se conseguiria sabê-lo. A maior parte da gente nem o percebia; confundia-o com pedaços de gesso e arte, que havia nas igrejas. Mesmo entre pessoas cultas, poucas o entendiam. Eram os burros que lhe chegavam mais frequentemente porque não precisavam compreendê-lo.

Tinha a mania do jogo da cabra-cega. E se calhar não tinha nada. Porque talvez uns sujeitos brincalhões o inventassem para pôr doida a Humanidade.

De noite, os homens começaram a apertar as mulheres ao som da música.

— «Tudo canta, tudo dança minha gente» — dizia a senhora do Chefe Santos.

A Isaura em vez de beijar o pai, fazia-o ao primo Artur «De» «E», rico e solteiro, com fábricas de conservas. Ninguém se importava porque era Natal... e era o primo Artur, solteiro e com fábricas de conservas...

Comprou repolhos na loja do monhé, depois de muito os remexer.

— Está tudo fresco! — gritou o comerciante esgotado.

Saiu correndo pela rua.

Perto da farmácia uma dúzia de rapazes parou-lhe os passos. Arrumaram-se de cima de uma árvore onde brincavam aos «polícias e ladrões», e cercaram-no. Meninos dos seus catorze e quinze anos. Daqueles que vão à escola e à Igreja aprender e repisar o «Amai-vos uns aos outros».

O José saltou-lhe para as costas, o Manuel entrelaçou-se-lhe nas pernas e o Mário, mais forte, encostou um empurrão.

— Arreia-lhe, pá! Uma nos queixos! — dizia o Fernando escondido na sua fragilidade raquítica.

— Olha que é o moleque do Zeca e o gajo chateia-se com a malta. Deixem-no.

Ao abrir a porta de casa um polícia assentou-lhe o «casse-tête» vasculhando o «passe».

Já impacientava aquela demora, quando o negro apareceu ofegante na cozinha. A mãe de Isaura até atrasara os preparativos do pique-nique. Mas tudo que tinha para ralhar ficou-lhe sem palavras. O negro vinha tão receoso, talvez não tivesse culpa.

No dia seguinte fazia-se o pique-nique nos arredores da cidade. O forçar os números da lotaria acabara por frutificar nuns contos de reis.

— Vai-se hoje ao cinema, amanhã passamos o dia no campo e pronto. Faz-se a festa por trezentos e tal escudos. O resto do dinheiro vai, segunda-feira, direitinho

à Caixa Económica. Não dá jeito esbanjar. Numa aflição...

O chefe de família falara assim e não havia modos de se torcer a sentença. Continuava-se nos mesmos escudos certos para as despesas certas. Se até ali tinham vivido! Nada de loucuras.

Godido não iria ao cinema com eles. Não o deixavam entrar. E se o fizesse sorrateiramente, na escuridão da sala iria enchê-lo o arrumador com a lanterna e o «suca negro!»

O criado merecia também um bilhete de cinema naquele dia. Não se aguentava porém a hipótese impossível de ele se sentar ao lado dos patrões, perna cruzada e cigarro na boca, pés descalços e camisa rota, a gargarhar às coxas da Dorothy ou aos peitos nus da Montez.

— «O negro não está preparado nem lavado para estas coisas. Nunca estará preparado porque... bem, todas sabemos porquê.»

Meia hora antes da partida, pela manhã cedo, já a família estava na estação do caminho de ferro.

O senhor Santos à bilheteira, um cheiro de máquinas e manobras por todo o sítio, e sujeitos no azul escuro das suas fardas pelos escritórios. Maquinistas de ganga azul e carregadores com sacos a fazer de calças. Nos olhos do pequeno Zeca passou a baloiçar desejo um vendedor ambulante com rebuçados e jornais. Faltavam quinze minutos para a partida.

— Nove e quinhentos vezes cinco. Cinco vezes cinco... e vão dois... 47\$50, faça favor. Como lhe digo este comboio leva só 1.^a e 2.^a classe. E como seguem caruagens fretadas por uns ingleses...

— Não tem importância nenhuma. Compreendo perfeitamente...

— Pois, pois!... O criado tira bilhete para o comboio das dez.

— Muito bem.

— Se não fossem ingleses fazia-se um arranjo, e ele lá ia de pé nos corredores de 2.^a.

— A 3.^a é que é a classe dele. Irá mais satisfeito no meio dos irmãos.

— Diga-se que nisto de misturas ainda os ingleses nos levam a melhor.

Godido saltou, as fontes a latejarem medo, para o comboio das dez. O sujeito da bilheteira não gostava de negros e gritava sempre com eles. Prometia pancada quando não falavam português correctamente e metiam as mãos pelos pés. Pensando nisso Godido esqueceu-se de tirar bilhete e entrou desprevenido para o comboio que arrastava os primeiros movimentos da partida.

A meio da viagem um branco fardado entrou no caruagem de negros. Era um rapaz novo fortemente moreno, quase celestial no seu olhar vago, vindo lá de um Brasil de humanidade sem ter vivido nas cidades norte-americanas nem conhecido os desconcertos da Índia ou da África do senhor Smuts. Parecia no racismo a pureza virginal de um selvagem ante os «Lusíadas». Revisava os bilhetes abstratamente e escorria tanta simpatia que a negralhada ficou-se numa interrogação. Tinha vinte anos e seu único pecado era a pele branca de tirano.

— Mas atão també tê barranco assim, qui não fagi barrulho co perrêto, nê purrada não dá?

Godido atirou-se-lhe aos pés meio medroso, meio em admiração.

— Desculpa, patarrão. Esqueceu comprar bilhete.

Choramingu o negro e todos lá dentro se encolheram com receio da cólera dos brancos nessas ocasiões.

O homem fortemente moreno olhou o corpo ajoelhado e lembrou-se do cão da namorada que lhe punha as

patas nos joelhos e abanava a cauda quando o via beijando a dona. E o revisor, quase homem, não soube bater no negro como faziam os outros. Duas palmadas nas costas e ia dizer: «Paciência! está a viagem feita» ou então «para a outra vez estamos mal».

Mas era só aprendiz de revisor.

— Esse negro atreveu-se sem bilhete? Rais m'a partam se... — explodiu furioso o revisor Aguiar na porta de ligação com a carruagem da frente.

Com duas fortes bofetadas acabou de estender o negro. Mandou-o levantar e um soco deitou-o no colo de uma mulher que seguia ao fundo.

— O canalha!!!

Do comboio em andamento fugiu para terra firme um outro passageiro sem bilhete. Atirou-se pela porta traseira e foi amachucar-se antes que os pulsos de ferro do senhor Aguiar o esborrachassem.

Quando a locomotiva correu a gare de chegada, o revisor sacudi Godido para terra com um pontapé.

— O Aguiar ainda acaba com um processo disciplinar. Desumano!

— Aquele tem as costas quentes. Não é mau de todo. É só o terror dos pretos. Brincadeiras dele.

O cipaio apertou Godido em algemas. Com certeza que o negro faltara ao respeito. O Aguiar sorridente interveio:

— Deixa-o lá. És mais bruto que ele.

— Dez e meia. Vamos depressa.

Dispersaram-se os passageiros. Godido à procura do chefe Santos. Todo o caminho se tornou a cena com o senhor Aguiar, o Felisberto a atirar-se do comboio, o homem da bilheteira. Os miúdos que aprendiam e repisavam o «amai o próximo como a vós mesmos»; e os crescidos que sabiam a expressão de cor e escarravam nela e nos negros. A carruagem de negros medrosos.

O Felisberto a atirar-se do comboio e o revisor Aguiar:
O SENHOR AGUIAR!!!

— Dez e meia; vamos a abrir o passo.

Mas o caminho era o chefe Aguiar. Como algemas!

O revisor fortemente moreno, vindo lá de um Brasil de Humanidade era talvez o principiar de um sonho de negro.

Agora ali, grande como a sua cabeça negra, horrendo como a sua cabeça negra, escuro como a sua cabeça negra, só o senhor Aguiar.

E o senhor Aguiar nas igrejas e hospitais, nos cinemas e salões de chá, pelas ruas e na policia, no coração da família Santos e no entendimento. Até nalgumas cabeças negras. O senhor Aguiar em todos os caminhos dos pretos a mandá-los marcar passo ou fazer meia volta e galgar para a sua condição de escravos.

Aquelas cenas gotejando vingança formavam uma massa pastosa que estaria em todos os negros e se tornaria rocha onde o senhor Aguiar se quebraria. A rocha era também o revisor quase homem.

Sonho de negro a ser sonho numa primavera que chegará a dar fruto maduro; sonho vida num momento que hoje só a Razão presente.

Racismo como mofo... Mas todo o dia de hoje concretizado em duas raças, dois ódios, ilógicos talvez, mas humanamente certos.

Sonho de negro

— Canalha!

Vinha faltando iluminação naquele desvão de rua.

— Canalha!

O negro encostou-se à noite e escorregou cauteloso até ao senhor Antunes.

Sem palavras, pisou-o e atirou-lhe um soco cauteloso e certo ao maxilar. A vítima cambaleou, ao mesmo tempo que o joelho de Godido lhe esmagou o peito contra o chão.

A noite e o silêncio de meia dúzia de negros vigiaram o apagar de uma navalhada que fechou a cena.

Tudo tinha, agora, a brevidade de longas ansiedades passadas.

Não havia meia hora, o Buick do senhor Antunes ali parava. Josefa apareceu da confusão da noite. Um quimono preso dos ombros e dos seios, e a capulana de riscado azul, escondendo-lhe o pudor até aos pés. Trouxe atrás de si o resfolhar de panos e plantas.

Na rua uma motocicleta pareceu parar. Adeante, um vulto fê-la tremer: «A polícia!». Mas não. Talvez algum tronco irónico a fingir de gente.

Josefa seguiu em direcção ao automóvel que se lhe punha enormemente aumentado. Dentro dele nem o ponto vermelho de cigarro falando de homem. Uma

escuridão muda, inexpressiva. A imagem deformada do automóvel voltou às proporções normais. Da esquerda veio interpor-se um embondeiro que tapou o automóvel por momentos.

Seguiu-se um abrir de porta, com capulanas a entalarem-se entre rumações a meio tom. Tudo que a vida quis contar foi mudo nos vidros fechados do automóvel.

... Só um bando de negros escorrega, agora, pelo carreiro aberto sobre o capim. Ouve-se o toque desordenado de realejos, chorando os dias de trabalho e escravidão.

Corre-os qualquer ideia e gargalham comentários. Chico levanta uma pedra do chão:

— Cães! Se não fosse um carro de brancos... Cães!... Cães!!!

(Havia ódio e medo naquela pedra desanimada e impotente deitada ao chão donde subira).

Agora, havia um carro todo negro. Dentro um branco que era também vários brancos com pistolas e chicotes. Um deles, de quatro patas como qualquer animal ardente em cio, a apertar em formas de mulher a febre insaciável de desejo. Depois tudo virou. Havia sexos em sangue, cadeiras partidas e tiros pelo ar e nas costas dos fugitivos. Presos, seus gritos se penduravam às grades da cadeia. E seus dorsos perfurados, em lugar de zagalotes tinham mosquitos e chicotadas.

O grupo estremece como se isto acontecesse na imaginação de todos.

— Vamo z'imbora, quando não os poliça ha-di chigari e dari purrada no gente.

Mas a curiosidade lá os levou a um morro, onde, seguros, aguardaram quase em adoração o cio que se pressentia dentro do automóvel.

Godido desceu do morro e confundiu-se a um eucalipto próximo. Todos na expectativa.

Daí a pouco os vidros do automóvel só não partiram porque não calhou. Dentro, a escuridão a movimentar-se. A porta rebentou escancarada aos gritos do Antunes. Tudo quis fechar-se no pontapé que estremeceu Josefa.

— Sua negra! Cadela! Safa-te quanto antes. Sua...

— Assi n'á de voltá, patrão. Não é bom. Dá minha dinheiro. Você parece tê dôs palavrra.

O carro ia partir quando a negra se agarrou ao estribo, num salto de hiena mordida, reclamando em palavras e choro.

— Não te pago porque não prestas para nada. Rua! Se não...

A teimosia pagou-a ela bem. O Antunes descontrolou os nervos e quase lhe amassou os seios com a manivela do automóvel. Sangue ou leite — um suor húmido — começou molhando-lhe o quimono.

Não queria bater tanto. Era assustá-la e mais nada. Mas o sangue coalhava farto pelo chão e pelas roupas. Josefa, desafiava, vencedora de vencida, aquela consciência de branco.

O olhar da negra indispunha-o, acusava-o. Afastou-a aos pontapés e empurrões:

— Suca!!! Olha que chamo a polícia e prendem-te...

Godido estoirava raiva, a dois metros, por trás do eucalipto; e, quando Antunes ergueu de novo a manivela, o negro atirou-se.

Como música de fundo, gritos de mulher e homem à mistura; nos bastidores a negralhada hirta, embasbacada, a ver. O corpo sujo da negra ali defendido, pêlo por pêlo, dos insultos que a magoavam.

— Canalha!

— Godido! Ih!...

O corpo sem vida atirou-o, ao acaso, para o automóvel.

Os polícias apitavam por gritos incógnitos, distantes, que enchiam o lugar.

Em primeiro plano o negro a arfar cansaço, com o «lobolo» desfeito,

— Canalha!!!

.....
Os negros gargalharam, no morro. Era Josefa, a culpada. A segunda mulher de Godido, a «tombazana» mais apetecida na senzala!!

Tiritando da polícia foram arrastar o marido atraído para a fuga. Cuspiram na adúltera. Godido fez luzir a navalha e restos de fúria ameaçando sem palavras aqueles ventres negros dilatados.

Depois falou calmamente. Era muito tarde. Todos deviam sentir as pernas adormecidas para a fuga. A polícia corria e apitava em todos os cantos e nada via. Não podia ver, na escuridão que acordava, uma raça. A madrugada vinha perto. Com farrapos de luar chegariam os ardinias, espalhando jornais. E os jornais já não diriam que um negro atrevido,... etc.,... etc. Amanhã não haveria negros. Só HOMENS por toda a parte. E os jornais seriam dos Homens porque eram dos negros também. Haveria com o amanhecer nuvens isoladas a despejar chuva. Mas... nuvens isoladas.

Agora, aquele grupo negro de cabeças até ali esborrachadas no chão, falou, a plenos pulmões, cabeça erguida, do seu primeiro canto, o canto do despertar.

Godido (EXTRA)

«Era um vêgi um dia. Barranco chigou no nosso terra. Paiota, tinha degi. E patrão ficou falar assi»: — «Agora machamba não é de prreto».

«Brranco ficou no terra».

O senhor Manuel Costa veio à povoação e assentou seus projectos ao lado dos negros. Trazia máquinas, autoridade, réguas. Espalhou dinheiro e panos de fantasia pelas gentes, trazendo à sua quinta os braços do sector. Trabalhar para o senhor Costa era mais seguro porque se abrigavam dos maus tempos que destroem os cultivos. Os brancos até lutam vantajosamente contra a Natureza.

Os pretos dividiam-se em dois grupos: os das pequenas machambas independentes e os empregados da quinta. Os primeiros, sentindo o peso dos impostos, vendiam seus produtos ao caseiro. De modo que uns subordinados directamente e outros conscientes de uma liberdade que não tinham, todos viviam para o grande proprietário.

Quatro meses andados, no lugar o senhor Costa se tornou um verdadeiro soba. Até fazia de juiz entre os indígenas.

Grandes camiões paravam ali. Os armazéns falavam de tudo que se produzia e os carros afastavam-se de

pneus em baixo, pingando amendoins ou feijões que sacos rotos não seguravam. Aquela carga descongestionava os armazéns e ia espalhar libras no senhor Costa.

Os produtos seguiam para grandes cidades.

Na aldeia, a fome.

«Di modo qui os prreto trabaia, trabaia e, às vêzi, fica fome no barriga dele. Não tẽ comida para o gente.»

Um feiticeiro disse uma vez que a fome que começava nascendo era uma praga dos antepassados. Que andava um anjo mau na povoação. «Dá mim 20 cábêça hadi matar este chatice qui tẽ no terra». Mas os negros supersticiosos desconfiaram do que se lhe dizia e seguraram suas cabeças de gado.

O branco raivando riso, empurrou para longe o negro ladrão.

Os indígenas viram depois uma sombra e quiseram bater no feiticeiro que deitava pesos em seus pensamentos.

De manhã, ainda a claridade rasgava farrapos de escuridão, um sino chamava às charruas e colheitas. Carlota trabalhou enquanto se lhe enchia o ventre. Certo dia sentiu náuseas, voltou à palhota. Descontaram-lhe horas de trabalho.

A barriga rompeu e vazou. O senhor Costa espiou.

— Azar! Se fosse mulher, a mão de obra...

Mas não havia dúvidas. Nem a barba lhe faltaria ao crescer. Homem com todas as características. Na idade, havia de distrair as tombazanas da faina diária, rebolar por elas na mata. E as horas de sexo quem nas perdia em trabalho era ele, caseiro, que não tinha olhos em todos os cantos simultâneamente.

Carlota continuou entre o quarto do senhor Costa e os negros da palhota. Entre eles, Godido germinou sem cinismos a roer até aos dedos a mandioca que a mãe lhe dava pelo dia.

A vida fazia-se fábrica de descasque: os homens entravam, descascavam-se e saíam farelo para a estrumeira. Na máquina ficava suor. Amadureciam os campos, desfazia-se a vida em adubo. Não se pintavam novas cores no cenário; era aquele o método único, com mais ou menos pormenores.

«Escola pra preto num tinha. Branco estava a falar cos preto é só pra cavari, cavari ni chão».

Mamaria Carlota lembrou que tinham passado tantos anos quantos os dedos das mãos e de um pé, depois que Godido nascera. Cercavam-no olhos brancos de coça do senhor Costa, guiavam-lhe charruas e sementeiros no campo. Mãe-negra desgastara-se naquilo; sabia os trabalhos dos que nem corpo haviam para a sexualidade do senhor Costa.

Godido precisava outros rumos.

A vida realiza-se sempre certa onde quer que seja, mas nós não somos suficientemente fortes para o compreender e executar.

O negro olhou-se entre campos e montes, a alma sangrando lágrimas aos cantos dos olhos. «Patarrão não esconfiou eu estava fugir». A mãe ficara a mentir um inesperado desaparecimento como se esquecesse aquelas últimas palavras ditas ao filho, que a vida estava um bocado além da mandioca e do chicote. Mas havia de dizer ao senhor Costa: — «Minha Godido ficou maluco; fugiu... fugiu do soroviço. Dêxou patrão, dêxou mãe. Maluco!»

Godido mediu a falta de uma voz de mãe onde apoiar as acções, uma voz de mãe a cansar-lhe os ouvidos: «Num fagi isso!, Godido vê nha qui».

A estrada parecia doida no seu andar, atirando-se de colina ao vale quantas vezes com brusquidão. Morava em baixo uma respiração de grades. Vazio de casas e homens. A falar-nos da vida humana só a estrada.

Despropositadamente, raríssimos quase-pastores irmanados a suas ovelhas. Profundamente irmanados a elas. Ninguém acredita que sejam homens. Mantém-se que ali só estiveram os construtores de estrada e viajantes.

Godido deu um passo menos seguro e pestanejou. Lembrara-se que podia passar alguém por ele. Com mil diabos!

— «Mim vai no cidade viver co brancos» diria a seus patrícios.

Complicavam-se as coisas se passasse por um branco. E neste pensamento falhou-lhe o coração e sentiu frio nos pés. Que ia em serviço, havia de dizer.

A cidade agora começou a assustá-lo. Tinha medo. Era terra dos brancos. Os brancos eram como o senhor Costa. A cidade era muitos senhores Costas. A paisagem à volta despiu-se e o caminho entrou de oscilar num — «Vou? não vou?». Os negros lá deviam ficar sufocados. O seu caminho era para trás, na senzala. Que se não metesse em cavalarias altas.

Mas a quinta dava-lhe náuseas e um caminho novo pedia ser pisado. «Os branco di cidade não fagi mal. Ni mato já mi chatia catinga de mamana, e paiota do gente co chuva no cama».

Vertigens de novo, esperavam-no. Os pretos não estariam mais puxando carroças, como na quinta. O chão e o céu perderiam areia e azul e tudo seria oiro como o Sol. Ná! Aquele cheiro a suor da mãe e do senhor Costa enjoavam.

A imagem do burgo deu-lhe sonho e medo alternados. A estrada ora escorregava gulosa, ora oscilava em vontades de palhota.

Ao longe pinceladas amarelo-avermelhadas davam cidade. Era como que o limiar de outra existência mais

real para Godido. — «Hih! Tão bom! Olhó o cidade». O ambiente ter-se-ia rido do seu estado de alma se o soubesse.

Como se não fosse humano um negro pensar que a «vida do negro há-de acabar».



OUTROS CONTOS



Um conto para abrir

Como todos os bebés vieste também de França num cestinho que tua mãe pediu. Trazias, como as outras, uma infância estandardizada nesta doença mais ou menos grave, no afastamento serôdio dos peitos maternos, nos dentinhos a despontar podres, onde depois se sedimentaram outros mais fortes. E nessoutra curiosidade inconveniente de abraçar com perguntas o *intocável*.

Mas isso não és tu, Olívia. Ou é muito pouco de ti. Falta-te ainda coerência e unidade relativa no proceder.

Também não é a Olívia mimalha, batendo nas companheiras e correndo para as calças do papá com choro em fartura.

Aquela pequena, meia senhora, de seios como carcos, a olhar o sexo oposto, a esconder-se com as íntimas na retrete esperneando volúpia através o picaresco bocageano ou a «Rival de sua Filha» do Kock, religiosamente guardados pelo papá na secretária. Uma curiosidade de saber coisas! Coisas de que se falava em meias falas e que a miudagem não sabia se eram verdade, se mentiras.

Ainda é pouco de ti.

Antes aquela que tudo esgotou em teorias e pede realidades vivas.

Ficavam no cais centenas de olhos como uma lágrima elástica de dor a estender-se de terra firme à amurada do «Mouzinho». Rasgavam-se almas. O cais afastou-se no adormecer da tarde. Recolheram-se as amarras à pressa. A banda irritou no deck uma marcha mole, carregada de angústia como o espaço.

— Marcha fúnebre de Chopin!?

— Que ideia!

Talvez uma canção alegre de um compositor distante. Que a partida é satisfação, ansiedade de desconhecido.

Mas que interessava isso se próximo acenavam lenços, corações se atiravam de lado a lado num último abraço? A marcha mais viva mergulharia triste no desespero de parentes a fragmentarem-se em dor. Choraram os guindastes os porões que numa semana a fio abarrotaram, e a cidade, egoísta no seu afecto, deixou escapar contrafeita o seu amante de dias.

Na 1.^a classe a campainha mostrou o jantar sobre a mesa. Os passageiros continuaram imobilizados, sensações e ouvidos em terra. A tripulação cansada das cenas obrigatórias de todos os portos à despedida passava indiferente e má àquilo. No íntimo queimavam-se-lhe também os peitos gretados.

Ao lado, entre os viajantes, nem tudo era afectação mundana.

— Quem não jantar agora fica para a 2.^a mesa, meus senhores.

Não havia gente debruçada na amurada; nem pensamentos na sopa. Os corações viravam-se sobre si próprios a sentir.

Com o abrir da iluminação no porto a massa começou a não se perceber. Adeante o senhor Costa num sorriso cristalizado a meio, a colega de carteira do 7.^o ano a abanar o espaço num adeus de camaradagem.

Do lado direito, pequeno, esquelético, tirânico, o reitor do liceu assinalando um período que acabou, todo cabulice, greves e flirts.

Tudo se tornou imperceptível.

— O senhor Costa... o meu melhor amigo... o senhor Costa... a Maria Adelaide, a Ema... o senhor Costa dos serões e caramelos...

Escuridão. Casas ao longe. Arvoredo. E noite.

O cais eram dois olhos, quatro olhos húmidos, os olhos dos pais.

— Olívia! Vê o que fazes. Estaremos sempre ao pé de ti. Não esqueças a voz dos teus.

Dois olhos, quatro olhos húmidos... e nada mais senão esses mesmos olhos a atropelarem os passos e a encherem a vista. Depois o mar a baloiçar o barco. Já uma leve indisposição.

— És mulherzinha; sabes disso. Mas nós somos pais e não cansamos recomendações. Inúteis porque és mulherzinha. Repara: espera-te lá longe o desconhecido, um mundo a que irás adaptar-te e contra o qual lutarás. ... e nós temos tanto medo...

O pai não poderá correr a pontapés os atrevidos, nem a mãezinha ageitará, de noite, teu travesseiro.

Anda distante uma noite tão negra como a que borri-fa agora o cais e o navio. Procurarás luz nela. Procurar sem renúncia porque a descrença trará só noite preta. Do espaço desprender-se-á luar, finalmente, sobre tua garganta sôfrega. Ficarás vencedora e exausta.

— Papá! Mamã...

O primeiro oficial de bordo sorridente, galã, cumprimentou-a gracejando. O barco entornava-se num dos flancos. Excesso de carga mal arrumada e o drama dos viajantes. Este não o registavam os técnicos. O «Mouzinho» rodou, adiantando a proa em três apitos, e galgou

direito ao mar alto. Todos correram de bombordo a estibordo para românticamente sentirem a cidade uma última vez. Duas horas passadas o piloto da barra abandonou o comando e o rebocador colado à embarcação rumou para terra com fumo, o piloto e o cuspir barulhento do motor.

Olívia encheu os pulmões recolhendo restos de lágrimas, alisou o cabelo e, meia tonta com a arfagem, foi despejar-se no beliche. Antes, o baton correu-lhe, apressado, os lábios.

O hélice remexeu as ondas, crianças choraram ou riram no camarote ao lado.

Por cima dessa noite coalharam quinze dias de viagem, plenos de ócio, de leitura, de horas de menina amimada na rapsódia do «Home, sweet home», com as volúpias da dança ao chá das cinco e o bocejar contínuo da música de câmara ao deitar.

Os telegramas incomodaram o telegrafista e alegraram os contemplados.

— Meu pai, minha mãe...

Dois olhos, quatro olhos, húmidos como o mar onde se navega.

— Vê o que fazes; nós estaremos acordados a teu lado. Sempre a teu lado.

Houve momentos que no barco a actividade se tornou gaiotas e azul do mar e céu.

O desembarque...

Deslumbramento e decepção.

Sempre aqueles olhos húmidos a travar-lhe os passos e a encher as intenções. Viver a esmo, mas viver porque se não deve fazer outra coisa. Qualquer coisa quer que sejamos nós a afirmarmos, cobertos do óleo

na fábrica, remendando peúgas em casa, ou de caneta e espingarda na mão a reclamar Paz, por processos erróneos talvez, mas reclamando como os outros. Algo a requisitar-nos para um rumo: VIVER.



Aniversário

Uma manhã casmurra quase de Inverno, em fins de Outubro. Na vila, o labor encasula-se no bocejo lento do operário envolto em máquinas e óleo queimado. Alice salta de repente da cama. Ante as janelas escancaradas do seu quarto passam carroças de bois prenhes de carga, e, quase porta sim porta não, um sujeito alto, num fato de cotim, seco e monótono grita: «Correio». Avança num passo sem sentido. Alice toma-lhe olhares, adivinha-lhe o caminho. O correio passa e segue.

— Hoje ninguém se lembra de mim!!!

Pregada à janela do quarto, numa indiferença-tristeza fica olhando qualquer coisa de que a atenção se distrai. Está abstracta, o castanho de seus olhos a procurar no chão, no passado ou noutra parte imprecisa, tudo o que para ela significa aquele 21 de Outubro. O cabelo com reflexos doirados desgrenha-se entre os seus dedos compridos de unhas cor de sangue. Ao menos à tarde a Maria Luísa e as manas Tinoco tinham prometido ir cumprimentá-la. O Dr. Cabedo, advogado da terra, também se não esquecera daquela data. Enfim, que não faltasse ninguém das suas relações. Servir-se-ia chá e bolos às senhoras, cerveja ou whisky aos cavalheiros.

Depois o «pick-up»... postos a tocar os discos emprestados pelo Martinho (última novidade), a gente nova perdia-se para ali a bailar. No fim saíam todos satisfeitos com exclamações na voz: — «Ah! os anos da Alice!! O tango «Red roses» em que a Flávia ganhou o 1.º prémio»...

Perdiam-se já 40 minutos depois que Alice se plantara à janela. Agora iria dar os últimos retoques nos preparativos da festa: mudar cortinados, mandar lavar taças, comprar algumas flores,... mas dispunha-a tão bem aquele estar parado, aquele nada fazer!...

— 21 de Outubro! Dia dos meus anos!!! Já tenho dezoito; sou uma senhora, não resta dúvida. Esta tarde com o meu vestido azul acinzentado com riscas carregadas, franzido na cintura e de mangas curtas, faço um sucesso. Os galãs não me largarão. Então o Faustino com o hábito dos galanteios, todos dolicodoces... chega a enjoar!

Mas fora do burgo ninguém se lembrara dela. Lembravam-se o Faustino, naturalmente a Júlia e mais um pedaço de íntimos, mas todos da terra. De longe... ninguém! Que parva!!! E estivera ali ansiosa, esperando o correio. É que o dia de anos tem para nós um significado diferente do de outro dia qualquer, de entre os 365 que cada ano nos faculta. Supomos que este dia será forçosamente de alegria, canto, «champagne» e abraços; em que o correio de sorriso na garganta nos diz — «Bons dias» e despeja em nossas mãos telegramas e cartas em monte. Também algumas encomendas. Esperamos que desde o estalar da manhã ao anoitecer pessoas amigas nos sacudam com abraços, articulando automaticamente: «Muitas felicidades, e que este dia se repita por...»

Quantas vezes isso não sucedel!

O carteiro esquecera-se no fundo de mala de uma carta para o n.º 8 da Av. da República. Voltou atrás. Eram uma maçada, aqueles esquecimentos! Gastava-se para baixo e para diante, e não dava vazão ao trabalho.

— Sr.^a D. Alice... d'Almeida. É aqui que mora?

— Eu própria.

Carta de Coimbra. Alguém que se lembrava do aniversário e a felicitava.

.....
Às quatro horas, chegaram as visitas. Alice percorria com elas as prendas recebidas.

— Isabel Maria deu-me este frasco de Tabú!... isto o Dr. Silvano; nunca esperei. Este *papel escrito* de Coimbra... de um estudante de Coimbra...

E de tudo aquilo, a folha de *papel escrito* fora tudo que o correio soubera trazer naquela manhã casmurra, quase de Inverno, dos anos de Alice. Sem ser Tabú, nem meias «Nylon» — do «Último Figurino», era também uma prenda, prenda singular.

Agora a festa, os brindes... a dança finalmente. E entre um tango arrastado e um swing de quebrar ossos, foi-se esquecendo o perfume Tabú, aquilo do Dr. Silvano, o *papel escrito* do estudante...

O papel escrito era a carta banal de felicitações de aniversário numa manhã casmurra de quase Inverno... Banalidade só distinta de outras tantas por não dizer: «Muitas felicidades e que este dia se repita por...»

«Alice

Se pudeste ser Humana

em 183 dos 365 dias que hoje se finalizam,

... Eu te saúdo...

Era assim a carta do estudante de Coimbra.



Um conto

«Luanda — Abril, 25: Numa caçada aos elefantes perderam a vida Alberto Cardoso, Manuel José...»

Gritos de desespero seguidos de um choro que se desfaz na garganta. Aquilo fulminara-a. Os redactores e tipógrafos tinham lido distraidamente a notícia e atirado para uma lacuna de fim de página. Tornara-se um episódio banal, incapaz de excitar os leitores. Além disso essa África desenhava-se tão sem formas precisas que nem os repórteres pretenderam tirar efeito da notícia. As caçadas de elefantes e leões tinham o sabor agonizante de aventuras de Salgari e de Texas Jack. Mas para Olívia aquele pedaço de jornal avolumava toda a grandiosidade da tragédia. Era a interrogação do Amanhã. O futuro de uma mulher só e espiritualmente não formada.

— «Meu pai, meu pai!!! Tu hás-de voltar. Sei que não me deixas sòzinha».

Seguidamente Olívia apertou o fragmento de jornal contra o peito e num momento encostou-o ao baton roxo de seus lábios. Beijando o papel exteriorizava o seu sofrimento. E ela precisava de o exteriorizar. A vulgaridade não sabe sofrer consigo própria; é fértil em actos teatrais.

Em volta acastelavam-se habitações e trabalho. Manhã de luz e de vida. Na sala de jantar o tempo parece parado talvez para meditar na sorte de Olívia. Fracamente o sol e a poeira atravessam os cortinados. Sobre a mesa uma meia chávena de café com leite, uma torrada mal trincada e a toalha branca de linho, apagando soluços, chupando lágrimas. Por cima o terrível periódico que pela manhã se intrometera, trágico, entre o estômago e a fatia de pão.

O espaço trouxe a Olívia a curva sinuosa do muro de um cemitério distante. E essa curva falou-lhe de morte. Escutou ainda, mas depois o espaço apenas lhe deu o silêncio do Nada. Compreendeu que estava só — só com a ideia de morte. Chorava para si. E o mundo? Sim, o mundo queria vê-la nos seus vestidos negros de luto, o rouge apagado das faces, a dar passos para a igreja a agradecer ao Omniscente o ter levado seu pai, deixando-a com mais possibilidades de moralmente se descontrolar. E, mais que tudo isso, o Mundo exigia lágrimas, as lágrimas de Olívia.

Sentiu a cabeça cambalear, a escuridão morou nos seus olhos; cerrou os dentes, enterrou as unhas tintas de verniz na toalha e uivou palavras sem nexos. Teve um ataque histérico. Dava a primeira satisfação da sua dor ao mundo. Os vizinhos ouviriam e cedo acudiriam. Representava então a sua tragédia. Lá fora a multidão veria a sua dor com as cores berrantes que os vizinhos lhes pusessem.

Olívia gritou não sei quanto tempo até que o som se perdeu na rouquidão da garganta e uma pontada no peito acusou cansaço. Os vizinhos, nada. Agora só o assobio monótono do trabalhador preguiçoso numa melopeia de adormecer. Desilusão!!! Esqueceu a sua desgraça. Esta passara para o fundo de uma série de cogitações, em que no primeiro plano se via ela, a mulher que sofre,

perante a sociedade. Queria experimentar as suas faculdades artísticas. Quem sabe?! Talvez fosse uma Ingrid Bergman em potência... Mas o público, os vizinhos não vinham. Ia contar até vinte e se eles não aparecessem... Pronto! Voltaria a remoer exclusivamente a morte do pai. Analizaria tanto quanto possível serenamente o facto, estudaria a sua vida futura. Começou a contar: um, dois... por ai fora. Dos dezanove aos vinte fez uma paragem longa, esperançada na chegada de alguém.

Lamentou-se de novo em voz alta. Agora esperaria que ladrasse um cão ou se ouvisse um assobio e se entretanto ninguém aparecesse — jurava — havia de partir três copos e seis chávenas. Que vizinhos irritantes! Egoístas! Lá que não sentissem a dor do próximo era possível, era mesmo provável. Mas mentissem ao menos. Fizessem-lhe companhia com as frases feitas de ontem e de hoje: — «Coitada! A pequena fica só neste mundo de maldades. Ai Jesus! Que será dela? O pai era uma santa criatura». Aquilo havia de consolá-la. Com pequeno esforço de imaginação faria sinceras aquelas palavras. E os vizinhos passariam por pessoas delicadas e compreensivas. Olívia cansava-se naquela ansiedade, havia duas horas. Levantou-se e foi para o quarto. Sentou-se na cama. Fixou o retrato do pai que conservava à cabeceira e depois sentiu-se ela própria a mirar-se: um espelho. Abriu o robe, deixando a nu a combinação de cetim negro muito curta e justa. Dava-lhe aí por cinco dedos acima do joelho. Os seios queimavam em desejos... de furar o cetim. Rebolou pela cama em gargalhadas de menina virgem com cócegas. Era uma mulher tentadora e sem pai, sem algemas. Desgrenhou os cabelos aloirados, sorriu na boca e nos olhos. Pequeni-na e elegante toda ela se desfazia num banho morno

e xaroposo de prazer. Se a vissem assim quantos «Roberts Taylors» há na Terra, todos iriam em êxtase a seus pés.

— «Afiml que estou fazendo»?

Deu um grito e abrigou-se a um canto da sala — «Sou doida. Esquecia-me da morte do papá. Hoje só devo pensar nele».

Sentou-se e recapitulou sèriamenle a sua tragédia. Desfeita a leviandade de representações teatrais, Olívia deixou de chorar o seu sofrimento aos outros para o chorar para si. Eram três horas depois que lera o jornal. O sol corria para o zénite.

Pelas vidraças coalhavam monumentos de indiferença pelos padecimentos alheios. E a vida decifrava-se num jogo egoísta...

Rembrandt

CARTA À «MENINA FÚTIL»

«Olha, Juqui, és capaz de não acreditar que andei a catar com avidez, num manual de epistologia uma carta para ti. Queria dizer-te coisas, muitas coisas. Mas às ideias faltam as palavras. Na página 23 de «Como se Escreve uma Carta» encontrei uma que se ajustava à tua mentalidade: «Em primeiro lugar desejo que estas de saúde. Eu e família...» Mas que me interessa a mim a tua saúde, que pode interessar a um bicho egoísta e não-te-roles que os teus intestinos não estejam entupidos, que todas as manhãs a horas certas tenhas aqueles apertos naturais que nos levam ao sítio onde todos filosofamos, e que tu já não digas à mamã com tremores no peito e na língua que te dói a cabeça e que a vida te rebenta em sangue sem fazer feridas? Cais de cama, pálida, de olheiras mortas e negras. E eu piscando o olho ao Artur Manel digo em falas mudas, com todo o meu corpo: — «Já sei; matei a doença». Que interessa tudo isso? Como vês a tua doença, o teu estado de saúde pròpriamente só me atrai quando posso explorar um quê de mistério e de recato. Por isso Juquinha a carta da página 23 que tão bem te assentava,

pecou por um só pormenor: perguntava por uma coisa que me não interessa nada: a tua saúde. Isto com franqueza. Que eu mesmo a falar pela cabeça dos outros gosto de um mínimo de sinceridade.

Agora, sem manual e sem genica para rabiscar duas linhas a preceito, faço bonecos e com o auxílio da mamã ou do Júlio a caneta vai-se arrastando ao fim da folha.

A mamã Quitéria saiu e recomendou-me que te falasse na estreia do «Rembrandt» ontem no Sousa Bastos.

Aqui entre nós a mana Quicas vai ditar.

Não havia aquela massa emporcalhada na língua e no corpo que encavalita na Geral e atira assobios e piadas como arrotos encebolados às grandes realizações. Uma assistência selecta. Raffinée! Selecta pela riqueza e pela estupidez. Os habitués das estreias. O marido da Micas, amigo do primo do amante da bilheteira, arranjou-nos muito em segredo dois balcões na fila F. Não fales neste assunto a pessoas das nossas relações porque enfim, sempre entra o Zé, amante da empregada da bilheteira. E a situação ilegalizada do casal mancha as tradições da nossa família. Vê lá tu, um desavergonhado a arranjar-nos bilhetes. Mas precisávamos ver o filme na *première*. É certo que o acto manchou a memória dos nossos antepassados mas já a desagravei, escarrando ontem para um saloio que me olhou em estremecimentos de cio.

As melhores famílias da nossa sociedade ocuparam literalmente os balcões. Que ar! Que finesse!!! O comendador M. e o senhor deputado da Assembleia pelo distrito. «S. Ex.^a» não apareceu naturalmente por se encontrar indisposto. No chá das cinco dado pela sua senhora ela falou na frisa reservada pela família havia uma semana...

Quinze minutos depois do início do espectáculo o *supra-sumo* entrou na sala. Um casaco de peles sobre uma garrafa de perfume e baton foi espirrar cheiros fedorentos na primeira fila. A «Menina Fútil». Não imaginas como tive ganas de lhe chamar sopeira e outros nomes feios, mesmo ali entre toda a gente. Mas não era de bom tom. Invejei-lhe o lugar, umas filas adiante da nossa. De meio em meio minuto ajeitava o cabelo, mexia-se na cadeira e tapava as vistas aos que estavam por trás. Até na escuridão se meneava. Ia jurar que não viu patavina do filme. Uns olhares para a tela de vez em quando para descansar a vista. A «Menina Fútil» conhece os filmes de cor. Tem colecções de fans em casa e isso é quanto bastava para ostentar a sua cinefilia. Ao lado da «M. Fútil» estava o Barão Z que a mirava na escuridão da sala. Devia ser por troça. Só me irritou o ver ele chegar-se e ela, com toda a arrogância, afastar-se para o canto oposto de cadeira. Parva! Uma cabeça vazia, uma mulher como uma pena, que nem sequer sabe ser fêmea!

As pernas do homem com um projector à frente sobre o carro reflectiram-se na tela. E os documentários de Bikini e da Conferência da Paz desfizeram-se em alívio: «Intervalo».

Provocou-me gozo aquela assistência selecta, Juquiha. Mas aquela parva da «Menina Fútil»... levantou-se com o galã que a acompanhava e foi beber um aperitivo para o filme. Calcula! E veio para a sala a ajeitar a cinta sob o vestido de saia e casaco com lantejoulas. Devasa. Os sapatos pretos de vidro da Sapataria Chic de que te falei há dias. Os que usa a senhora do senhor Chefe

da 1.^a Secção dos Correios. Meias Nylon. Morde-me a inveja feminina só quanto à toilette dela. Fina!!! Vinguei-me olhando-a com desprezo através dos olhos embasbacados que lhe caíam no regaço, no decote. Inquietou-se por se sentir mirada e cruzou as mãos no colo, mãos tintas de verniz de unhas a cobrir os dedos. A bolsa caiu-lhe aos pés e ao abaixar-se deu de caras com o cavalheiro que a acompanhava. Despenteou-se ligeiramente e avermelhou. O chapéu entortou. O fechar das luzes tapou tudo o resto.

Se nós pudéssemos evitar a entrada destes elementos nas estreias... Sim porque a «Menina Fútil» não é brazonada, não é de famílias próprias para as *premiéres*. O desconcerto da Sociedade obriga a que na mesma sala se juntem a fina flor e estes exemplares duvidosos. Aqui tens a crítica ao Rembrandt.

Juqui não sei mais que te diga. No chá das cinco, quinta-feira, falar-te-ei nuns assuntos mais recatados. O escândalo da senhora Arménia com o capitão do 13, e os encontros da filha do general Ysidoro com um... plebeu. A «Menina Fútil» também irá à baila.

A caneta emperrou um pedacito no papel mas com a ajuda dos manos, da mamã e papá lá desvirginei esta pureza e limpidez da folha branca

Beijinhos Juquinhas da tua

Mas a minha maior vingança foi ainda a de encontrar a «Menina Fútil» despida daquelas toilettes todas de cores num appartement a segredar com volúpia o que o corpo não assimilou.

P. S. — Ao reler a carta fiquei sem saber se a «Menina Fútil» será a própria «M. Fútil» se tu que gostas destas cartas, se eu que copio o que me ditou a Quicas, ou a própria Quicas. Carta à menina fútil ou da menina fútil? Ou se seremos tu e nós e a menina fútil também.



Eu tenho nome

Alberto mostrou os dentes, troçando e com dó:

— Não respondes, e zangas-te quando te chamam; és como os cães mal adestrados que ladram mas não dão pelo nome.

Andavam havia algumas horas. Com a noite, os pastores chegaram mais ao peito os seus cajados e foram-se desfazendo na escuridão. Os atalhos estreitavam-se de tal modo que Josefo e Alberto não podiam seguir lado a lado. Naqueles montes granitados do Alto-Douro, ouviam-se, ecoando, sacudidelas das águas do rio em cachão. Era este o único sinal do povoado.

— Ó Alberto... queria dizer-te *uma coisa*.

Josefo levantou a gola do casaco, tossiu, encheu os pulmões daquele ar saudável do campo, e arrependeu-se do que ia dizer. Faltou-lhe a coragem é o que foi.

O vento gelado vinha em diagonal sobre os seus rostos não cobertos. Começou a preocupá-los a mudez do ambiente, sobretudo quando verificaram que os atalhos aparentemente curtos se alongavam mais e mais. Reconheceram-se desorientados e silenciaram.

Alberto absorveu-se, entusiasmado, no problema labiríntico dos atalhos, belo como as charadas dos jornais de domingo que ele religiosamente e sempre, tentava resolver. Josefo vinha atrás; mãos nos bolsos para as

proteger do frio. De tempos a tempos bocejava, ou, à falta de melhor, ia ruminando velhas façanhas de militares valentes. Mas detestava essas prosápias de força. Talvez porque tossisse como um tuberculoso e lhe vergassem as pernas em pequenas andanças não compreendia que uns certos homens se encavalitassem noutros e a isso chamassem heroísmo. Nem nos circos se actuava assim; e até os doidos dos manicómios, graves e receosos pediam licença para arranjar dessas manias.

Apesar do seu arrazoadado pacifista, no último sábado passado em R..., sua terra distante, esbofeteara um amigo de infância até ao sangue. E isso mordia-lhe. Não porque o António Mabunda não merecesse, mas porque outros o incitaram à provocação.

Dois anos volvidos, agora, as frases de Alberto reavivaram-lhe as razões do incidente com Mabunda.

Mabunda, medroso e fraco, nunca provocara ninguém. Nascera de uma preta de capulanas sujas, que cruzava as pernas à monhé, e se sentava pelos cantos. Mabunda nascera mulato, alourado, olhos castanhos e lábios grossos. «Quase um alemão!», dizia o José Antunes merceeiro e velho colono.

Josefo criou-se com Mabunda. Na areia vermelha do lugar foram levantando as suas aspirações de crianças. Mabunda vivia obcecado pelas grandes cidades e pelas grandes posições sociais, por comícios onde o aplaudissem sem restrições. Seria grande; a glória viria até ele. Mas porque a iniciativa dos mulatos é racionada por Davids já quase eternos, essas aspirações de Mabunda realizaram-se mais tarde num lugar esquecido de oficial de diligências, onde Mabunda de fraca vontade mostrou também a fragilidade do seu carácter. Começou a acentuar novas directrizes de conduta; riscou toda a afectividade para com aquela negra suja, hoje velha e ranhosa,

que o parira. E, em segredo primeiro, depois claramente, foi *fazendo fretes* aos superiores.

Josefo ao lembrar-se destes factos agonizou-se.

No monte, entre rochas e olivedo, o silêncio vai aterrando, menos por receio dos salteadores que pela enormidade da própria Natureza.

Josefo olhou para trás e para os lados. Hesitou por momentos, e aproximou-se de Alberto.

— Andaremos muito mais?...

— Deve ser por aqui abaixo... dez minutos se tanto.

Alberto, ainda irónico, voltou a insistir, não escondendo já uma gargalhada:

— Porque te não habituas ao nome que te deram?

Josefo calou-se. Segurou os arbustos e as pedras para não escorregar pela encosta.

— Jô...sé...fô!... e Alberto gargalhou de novo, com vontade. «Fica-te mal este nome! Prefiro o outro... o de todos...»

O nome que lhe tinham chamado, durante anos, na cara e nas costas, como se lhe escarrassem. Se procedia bem ou mal, ou até mesmo quando se mostrava inactivo, assacavam-lhe o mesmo epíteto. Só sua mãe ternamente e a medo — não fossem os outros troçar — dizia «Josefo». Nas ruas tropeçara trágicamente em seus próprios pés, perseguido por risos e insultos à sua cor. Então ia até seus irmãos negros que traziam as mesmas queixas, e consolavam-se. Josefo porém foi juntando ódio e derrubou este «Muro das Lamentações». Para cada insulto já não buscava consolo, mas ódio. Isso o levava a esmurrar Mabunda, que ganhara umas ideologias porcas impingidas pelos chefes. Lia certas obras que estes lhe emprestavam dizendo: «isto é bom para a mentalidade ainda cafre». Nas suas velhas fantasias de grandeza, de que sentia vestígios, Mabunda imaginava-se agora a sair da repartição, quase em

triunfo, seguro aos pescoços de dois superiores. E tinha espasmos de contentamento. Só o entristecia aquele cabelo áspero que já encarapinhava apesar do fixador, e entristecia-o mais os seus lábios grossos, e o apelido Mabunda. Talvez por isso, a realidade também quando vinha, vinha outra: prosaica, preconceituosa.

Com o tempo evoluiu Mabunda e evoluiu Josefo. O primeiro decorou mais ideias dos chefes, e, conformado, foi equilibrando os escudos do ordenado. Josefo cruzou os braços desesperado, e decidiu emigrar temporariamente. Partiu triste, lembrando-se daquela malfadada terra onde cada um dos seus companheiros continuaria a calcar forçadamente a própria personalidade. E que os não largariam aqueles epítetos injuriosos de todos os dias e de todas as horas. Aquela insistência malévola irritava o homem mais pacífico.

Josefo não percebia porque é que o Alberto vinha insistindo num ponto manifestamente ofensivo. Esteve para o segurar com violência, sacudi-lo, e dizer-lhe *umas fortes*.

Mas talvez Alberto fosse inconsciente, e não valesse a pena.

Alberto encurvara os ombros para diante, e olhava para o chão. Josefo que descia atrás, lembrou por momentos a superioridade que dava aquela diferença de planos.

De momento ainda lhe ecoaram as gargalhadas não muito longínquas de Alberto...

... Estavam a chegar ao vale.

Josefo franziu a testa, e adiantou-se para a direita de Alberto. No modo como o olhou, quis exprimir uma censura a toda a galeria de inconveniências que Alberto vinha tomando.

Um conto para a Odete

A «traviata» a desarranjar-se no assobio grosso, desarmónico e mal arrumado do Joaquim António que espreita à rua com os sapatos, a sovela e um olharzinho curioso. A vida a viver corriqueira, banal, plena de filosofia inotada por ser a vida e a filosofia de todos os dias. Vaza-se no ar o cheiro da preguiça e de fábrica.

Júlio traz-se lunático pelo caminho. Nem palavras, nem olhos para ver. Lua na vista e lua no espírito. A evasão dá a sonolência do sonho, a concretização de abstrações de espírito. Louco! Pega a sombrinha à mão esquerda, e a gabardine, gasta, incerta na cor, pesa-lhe dos ombros e dos braços. Mais atrás passou-lhe uma figura como a de José. Mistura do José e do Artur Manuel. Não viu bem. Conhecia-o; um corpo que, parecia, lhe falava. Mas pelos corpos falam as acções.

A escadaria do Quebra-Costas partiu-se, inesperada, em degraus pelos seus pés. Sentiu-se oscilar. Depois, adivinhou cascas de banana dissimuladas no chão. Esqueceu o espaço. — «Parvos! Não viam que podia cair? Parvos»! Enfiou as mãos nas algibeiras para se aguentar, mas empurravam-no e escondiam-se. Não os distinguia mas a força deles mordia-lhes as carnes. — «Ai! Acudam senão...». Mas ninguém se importava e as forças ensurdeciam brutas às súplicas. Um fiozinho de aragem

molhou-lhe as fontes. Não sabia onde estava nem mesmo quem era. Ou talvez soubesse tudo e estivesse para ali a simular...

Isso! Simulava. E às escondidas confessou-se a si próprio, devagar e ao ouvido: era um grande palácio com jóias, reis e nobres, mulheres bonitas e criados de libré. Às dez da noite os reis bocejavam, os criados de libré contavam-lhe as histórias maravilhosas do Magriço e do D. Fuas, adormecendo as reais pessoas com leques a sacudir as moscas.

De manhã, as mulheres mais apetitosas serviam às majestades, em taças de vidro e sonho, «toucinho do céu» e poesia, néctar, sensualidade e amor. Os criados de libré continuavam a sacudir as moscas e a perfumar com solenidade os sovaquinhos régios. Mas toda esta vida fartou: arrotaram tédio os grandes, e os pequenos escarraram a sua tragédia de máquinas humanas. O castelo mumificou o seu conteúdo e esqueceu a riqueza que havia ali. Começou a ver poeira. Poeira nas múmias e nas ideias das múmias, poeira nos móveis e nas paredes. E não soube sacudi-la e encontrar o que lá estava. Não aproveitou os reis para os elevar a criados de libré e fazer vida de majestade morta. Com um tratado de lógica apertado ao braço e às costelas foi, muito sinceramente, fazer deduções à maneira de Descartes ou do senhor Sócrates. O castelo, que ele era, surgiu um monumento oco de pó. Raios partam a filosofia! O princípio-base do edifício — poeira — estava errado.

Júlio sentiu-se boiar sobre uma casca de banana. Deitou as mãos ao solo e gritou. Dos lados a curiosidade embasbacada feita toda olhos. A alcoviteira da Mariana já de orelhas arrebitadas! O barbeiro com considerações de bom senso e a multidão a decompor-se em

gargalhadas e troça: «— Olha, caiu! Nem vê o caminho. Coitado!»

Levantou-se e ruminou imprecações contra todos aqueles. Tivesse ele força, um chicote ou mesmo uma pedra e ninguém riria. Assim era escarrar desprezo e andar. No fundo deitava mais cobardia que superioridade ao ladrar da massa.

— Parvos!!! P...A...R...V...O...S!!!!!!

As suas mãos viu-as tintas de lama. Mas mais para diante no tempo, sentiu-se numa lucidez diferente. Esquecera a queda. Na cidade não havia escadarias nem Joaquins Antónios sapateiros; de bananas, nem vestígios. Mas as mãos emporcalhadas?!... Estranho! Tirou o lenço. Não o sujaram as mãos. Tinha as luvas calçadas. Nada de sujidade do chão ou traços de queda; só a dispersar-se distante a lembrança de uns novelos de nuvens. Talvez não caísse e tudo o que *vira* não existisse. Talvez...

A pistola ia calar as considerações de menino louco. A entrada de sua casa a censurá-lo. A vida queria continuar intacta atrás daquele portão. Precisa e sem loucuras. Esperava, como rainha, avassalando montões de tratados metafísicos como conselheiros desbotados.

O Sol no Poente apagava-se em fogo. A preocupação do ridículo e o medo exaltado da censura social! Também as filosofias. Aquele vício dos raciocínios filosóficos, de arestas rígidas onde se encaixa a vida a martelo para se fechar tudo no suicídio ou num prato de favas. Em vez de serem os sistemas a adaptarem-se à vida!

Desfizeram-se os complexos. Júlio lembrou-se que escorregara na rua. Coisa sem importância. Desequilibrou-se ligeiramente mas julgou que todo o mundo

parara para o troçar. A Humanidade é trocista mas demasiadamente egoísta para apreender todo o ridículo individual. Sorri, com cara de alarve, a tudo, à desgraça e às palhaçadas e pronto.

Júlio! Nunca foste ridículo para a Humanidade. Foste-o só para ti, por não confiares em ti próprio, nas tuas possibilidades. Em ti como homem. Lembra-te que nunca um ser é inútil. Conhece-te e serás grande porque és homem. Despreza as Vozes do Mundo se as ouvires.

A tua voz é a única que é VOZ.

Pelo menos para Ti.

?

Bem contados, nem um considerou verdadeiramente amigo. Talvez lhes exigisse demais numa sociedade de compra e venda. Os conceitos metafísicos, que o homem de sotaina impingira nas aulas de Moral, obrigavam a espanto em frente ao mundo exterior. Seus pais limitaram-no, na infância, ao quarto de brinquedos e às complicadas lições do professor Filipe. Habitou-se àquilo, decorou a vida explicada e não desceu as escadas para examinar o procedimento geral. «Também, não era preciso», pensava o pai, leitor de manuais de pedagogia e íntimo do Dr. Seabra, que dedicara anos de mocidade a compilações para a monumental «História da Criança», de que faria, na velhice, uma edição reduzida, em papel vergé. Guardava a consagração para as primeiras cãs. Então, bastava-se como homem-multidão a que ninguém «rascava bons dias».

No ano em que Américo finalizou o curso dos liceus, seguiu para Coimbra, e aí está. Aí entristeceu; saudades da família, a 200 km do quarto de brinquedos tornado biblioteca, ultimamente; das considerações do prior amigo, às terças-feiras, no serão, contando entre torradas e café, a vida de Jesus. A irreverência pagã das festas estudantis em Coimbra, os seus escrocs e agiotas, os sem carácter vendendo-se por palha, deram a primeira

forte machadada nas ideias por ele supostas sobre o mundo. Estava tudo sofismado e talvez já tardasse para uma transformação da sua filosofia. O quarto cheio de pó, onde a sopeira entrava só para esgaravatar nas malas, foi-lhe enojando. Cansou-o a vida na pensão, isolado no meio de hóspedes de dias: massa movediça de caixeiros-viajantes e turistas pobres.

Por uma manhã mudou para o chamado ambiente académico, onde à entrada da nova residência, um finalista de qualquer faculdade lhe rachou a cabeça por divergências de praxes académicas e pelos modos como cada um encarou a finalidade do desporto. Américo, sangrando, ainda quis opor palavras, «que era civilizado, por isso não respondia a murro», mas faltou-lhe coragem, e encasulou-se no quarto, esbracejando protestos numa folha de bloco que a gaveta cuidadosamente guardou.

É oportuno recordar um procedimento generalizado de que os sociólogos não fizeram lei talvez porque o acharam demasiado comezinho: em muitos lugares, as pessoas que sentem os membros lassos para reagir a uma provocação fogem para a taberna, para o álcool, ou para outros excitantes como o café e o cigarro. Mas Américo, porque tinha presentes os sete pecados mortais, estirou-se na cama, semicerrou os olhos e fugiu para o passado. Antes, correram os reposteiros, deixando um ar quase noite. Alberto apareceu inevitável em seu pensamento. Comunidade de ideias ou de vaidadezinhas interessara, em tempos, um pelo outro sem que, contudo, convivessem intimamente. É razoável perguntar se Américo convivera, alguma vez, com rapazes da sua idade. Companheiros de carteira, trocaram selos postais como quaisquer coleccionadores de miudezas, e confrontaram os exercícios escolares, avaliando o critério de justiça dos professores. No 6.º ano o director de

«Protesto», jornal da manhã, convidou Américo a publicar artigos. Ele escrevera, por essa altura, lugares-comuns engraçados sobre temas gastos. Abusara de citações e de termos obscenos de tão eruditos. Mas dera barulho, o artigo. «*Tinha drama*, o rapaz; tinha algo que dizer ao mundo».

Numa altura em que, depois de folhear a Enciclopédia passara a meditar sobre páginas da «Monarquia Lusitana», alguns conhecidos acercaram-se dele na livraria Costa. Olhavam-no como génio; os sensatos como atrevido. Ele fundamentalmente continuava o mesmo, talvez mais duvidoso de si próprio.

Qualquer rebuliço suspeito, vindo de fora, surpreendeu as cogitações de Américo. Da cabeça mal empanada escorria agora tintura de mercurocromo e sangue. Levantou-se e chamou a criada que, solícita, lhe mudou a almofada da cama. Pela janela descoberta entrava a luz do sol sem entraves.

Quando Américo conversava na livraria Costa entre as pessoas conhecidas, Alberto chamou-o de parte. Havia dois anos que se não encontravam. Américo fez uma vénia de despedida aos outros enquanto Alberto o arrastava pelo casaco para um canto. Alberto falou-lhe dogmáticamente da evolução da literatura e raízes da arte contemporânea. É útil fingir que se fala dogmáticamente: dá confiança. Alberto tirou um livro estrangeiro da prateleira «Humanismo e Negrismo» se chamava, e leu-lhe uma passagem. «Para uma nação com colónias em África, é isto», comentou, «a basezinha». Falaram dos poetas, dos rouxinóis e dos prosadores que faziam do indivíduo a charada-mãe. Riram e afastaram-se. Depois... recordava-se com saudade. Ele continuou escrevendo nos jornais. Alberto arranjava complicações de heterónimos onde se perdiam as pesquisas sobre a sua identidade jornalística.

Américo afastou as sebatas gordurosas e enfadonhas. Sentia o peso de uma educação viciada por Tomás de Aquino, e pela ignorância prolongada do Mundo exterior aos livros. Enquanto se interessava pelos problemas pessoais de A, B, ou C, estes tratavam-no como amigo. Se procurava falar de si, via bocejos e distrações. Não cativava. Nem as mulheres do prostíbulo lhe davam mais que o sorriso comprado. Não se verificavam, praticamente, os conceitos metafísicos de amizade e amor ao próximo. Amigos como concebera, nem um. O padre ensinara a exigir demais. Até Alberto se lhe escapava a uma convivência íntima.

Foi nestas congeminações que Alberto o surpreendeu, entrando de roldão pelo quarto. Abraçaram-se com espalhafato. Vinha de Lisboa, alegre com a vida. Fugira, oportunamente, de certos ataques na Imprensa, e ia descansar à serra, às quintas de um tio rico. Talvez estudasse... O estudo não era agora a sua preocupação fundamental. Cursava por luxo, esperando a morte de um parente com um cancro no estômago, de quem ele seria herdeiro único. E porque resolvera a sua situação económica, dispunha-se a palestrar nas Academias, sobre operários e patrões. Mas isso na volta de férias.

Partia daí a 4 horas. A quinta que ia habitar ficava a 600 metros do nível do mar, entre serras de granito. Havia grandes blocos de pedra, soltos, ou formando massas compactas, e entre elas, numa pequena extensão, a menos acessível, colhiam-se aos centos de pipas de vinho e azeite. Admirava como certos homens lá se aventuravam à colheita, com o mesmo à-vontade de qualquer bom burguês, passeando no Chiado. Nem havia ranhuras na fraga, onde os homens se segurassem mas a colheita fazia-se com espanto dos povoados raianos, que inventavam crónicas fantásticas daqueles

feitos. Nas quintas, os proprietários debruçavam-se ao luar, ouvindo os trabalhadores e suas lendas contadas do mafarrico. O rio corria no fundo. Na outra margem uma locomotiva velha, de novecentos, apitava duas vezes ao dia. Um trabalhador trepava ao morro mais próximo do casal. Largas margens separavam a estação da quinta. No meio e em baixo, o rio corria, turvo de lodo que um afluente lhe despejara léguas atrás. Vinhas e oliveiras cobriam a encosta desde o vale. A locomotiva de novecentos entrava na estação, e o trabalhador ajeitava-se no morro. Punha as mãos em concha junto da boca. O apeadeiro servia as três quintas do lugar. Chamavam-lhe o apeadeiro da Alegria, de tão triste. A alma irónica deste povo! Já nos lugares de todo o país é a rua Direita a mais torta.

«Ó Quiiim... há correio...» gritava o trabalhador deixando cair as mãos ao longo do corpo.

Alberto alcunhara de «sublimemente belos e reconfortantes» aqueles lugares. O Chicha-Gorda que passara serões e invernos a caldos de milho e desfazendo nervos e suor na terra, olhava as paredes granitosas do lugar e não acreditava nos adjectivos do patrão. «Inferno, diria o Chicha, se algum homie houvesse de dar àquela vida desesperada».

Américo e Alberto desceram juntos a escada da pensão. Que se quisesse fosse passar uns tempos às quintas. Jogava-se à sueca e provavam-se umas especialidades da frasqueira. Américo sorriu. Relembrou tempos idos e os seus encontros de onde a onde. Nunca chegaram a ser íntimos mas qualquer coisa como ideias concordantes os aproximava.

Na gare da estação andam cabazes apressados, sobre a cabeça das vendedeiras. Américo olhou através do vidro da porta o combóio que partia. O outro, disse-lhe um adeus distraído.



Rua Direita

— Sn'Maria! Ó sn'Maria!!!

Ao cimo de escada ti'Maria desenrosca o xaile e espreguiça um bocejo lento.

— O jarro com água, se faz favor.

No quarto Luisinha agoniava mais um arroteo de Manuel feito vinho e sardinhas assadas. Tinha que os aturar. Era assim a sua vida. Não podia escolher como podiam as honestas ao namorar.

— «Rai's m'a partam se este gajo não esteve no "Meneses" a beber!!!»

Luísa passa por cima daquele cheiro de sardinhas envoltas em carrascão e dispõe-se à função... à sua função social. Que ela também se obriga a uma função social. Todo o ser humano contribui para a organização e desenvolvimento da sociedade.

Manuel está a sós com ela. Um projecto de homem raquítico de barba a rebentar, grosseirão, suficientemente porco, a sífilis a desfolhar a pele. Moralmente fraco, abúlico, desequilibrou-se naquele viver sem vida. Chafurdou na lama. E a própria lama procura erguê-lo à pureza do Sol e da água. Mas ele gargalha desprezo e fúria

— «Ora a p...! Se aquilo era assim, se devia fugir da lama então que saísse ela também. O diabo a pregar

doutrina de Cristão! Raios!!! Que se calasse antes que o nervoso lhe subisse e desse tudo em droga».

Já estava preso de morte pelo vício. A lama enchia-lhe os olhos e abarrotava-lhe o entendimento.

Mas havia outros... Há sempre um pedaço de lama que a mulher perdida atira dos seus ombros para a luz e para a água. Ela continua a arrastar-se num vaivém de lençóis e corpos nus até que o cemitério diga: — «Satisfizeste o Mundo. Viveste para todos eles. Chegou a vez de seres minha».

A luz num amarelo de urina perde-se no abat-jour, donde só uma leve tonalidade clara esfarinha o ar. Em baixo o silêncio quente de emoção: um vive fragmentos arrebatadores da vida enquanto a outra boceja o tédio de um quadro mil vezes repetido, desnudado de novidade e excitação.

Luísa foge à cooperação espiritual no acto.

— Que organização social tão falsa e incompreensível! Uma natureza tão pouco natural. A gente a satisfazer um por cento de fome porque é de bom tom mostrar estômago de galinha. Uma existência de normas arbitrárias em que aparentemente não somos nós. Uma vida interior e uma exterior. Sermos hipócritas para sermos sociáveis. Recalcar em vez de seguir o espontâneo e natural. Devíamos abandonar esta sociedade de preconceitos, mas estamos tão parasitas dela que quase nos deixamos para sermos uma fracção sua. Mas ela será sempre um somatório de fracções, de elementos com personalidade, criadores de normas às quais voluntariamente se submetem. Chega a duvidar-se entre a remodelação de sociedade feita pelos indivíduos como um todo, e o recurso ao abandono dessa sociedade que nos tolhe sem que procuremos qualquer organização colectiva estável.

Dez minutos pesavam na intimidade do quarto de Luísa. Manuel apertou-a com mais força mas voltou a serenar para apertá-la de novo, Luísa colaborara automaticamente para aquele desfecho. Distraíra em reflexões o seu intelecto e só atentou no macho no momento decisivo em que se sentiu ferozmente esmagada. Ele esborrachava-lhe os seios e arranhava-lhe as costas com as unhas. Corpos unidos num só. «P..., que nem a deixava respirar»...

Teriam passado uns segundos... uma vida?!

A mão macia de Luísa afastou-o. Era uma mão pequena, gostosa como a de qualquer virgem a acariciar. O cabelo alourado despenteara-se. O azul dos seus olhos brilhava como num amuo de menino choroso. Bocejou. Manuel abriu a carteira. Por 20\$00 Luísa realizara mais uma vez a sua *função social*. Elas, «as mulheres da vida», eram o bode expiatório das exigências do sexo nessa sociedade irregular. A grande obra dela, de fundo social, estava em manter o equilíbrio da Humanidade, evitando a vulgarização no homem, do histerismo e de outras manifestações mórbidas, filhas do recalçamento sexual.

Na sala, estudantes ombreavam com futricas levados pelo mesmo objectivo: Mulheres. Esqueciam-se os preconceitos e a animosidade de classe. Às vezes uma insinuação, uma manifestação indesejada do subconsciente, e lá despejavam todo o seu ódio. Os homens são irmãos que não se compreendem.

A patroa recebe o dinheiro de Luísa, enquanto a polícia, chamada a manter a ordem, sai em tropeções e luta, pelos punhos cerrados dos amotinadores.

— Nesta casa quero muito respeito, diz a patroa, atirando a perna esquerda sobre o braço de um maple, e deixando a descoberto a meia presa à liga no alto da perna.

Num canto próximo do rádio, Fernanda corre palavras sobre palavras, a meio tom, sem grandes expansões pornográficas. Vive há dois dias na casa, não conhece o ambiente e atrapalha-se com os gestos dos frequentadores. Não sabe se deve sorrir, se reagir a certas vilezas. O seu bom êxito depende em parte das primeiras impressões. Ela precisa de triunfar porque quer viver.

Por baixo do espelho está a Celeste de cigarro na boca e saias levantadas.

— «É um c...» dizem todos. «E de mais a mais é entradota, vaidosa e gorda. Vaca!! Troça das raparigas que se vendem a 5 e 10 escudos, gabando-se de haver muito boa gente que lhe dá 20. Não compreende que por mais ou menos tostão, como ela, também as outras fazem pela vida e pelo vício.

Mariana é o palhaço da noite. Há sempre uma rapariga bem disposta a divertir os circunstantes, aproveitando as «deixas» para fabricar piadas chulas. E toda a gente ri. O «povo miúdo» porque acha graça e a gente culta porque vê os outros rirem-se e porque é de bom tom sorrir às piadas alheias.

Quem é Mariana? Um vestido branco a arrastar o chão, olhos como dois amendoins acastanhados, polidos e sem muita luz; um cabelo loiro, frisado e empanurrado até aos ombros.

Chamam-na da porta. Pronto. Acabaram-se as piadas, vai *realizar-se a função*. Mas outro «clown» tão porco ou mais que o anterior se apresenta. Às vezes é mesmo um de entre os visitantes.

— Ó Luísa onde nasceste?

— «Na... da tua mãe, se calhar. Sou de Viseu.»

— Então conheces o José Maria...

— Não me interessa. Saí de lá muito nova. Não me chateies.

Para uns é de Viseu para outros da Régua ou de qualquer outra parte. Nada disso interessa. É do mundo. Contribui com a sua quota para a harmonia social. É a consequência de uma má organização e de uma fraca formação moral. Por sua vez é causa de um abaixamento de psicoses. Executa uma função na sociedade que lhe escarra.

E amanhã, o seu coração ainda com afectividade, se se sentir causticamente atraído para alguém, encontrará uma vala a separar, vala tão funda que lhe impedirá de ir de braço dado pela rua com outro que não seja tão entulho como ela. Só serão eles próprios, livres de preconceitos, sobre uma cama, num quarto fechado. Ela chamando nele um pouco de afecto, ele a procurar carne e gozo.

— Ó material! Ó Fernandita, Luísa ou lá o que és, anda daí.

— Sn'Maria! Ó sn'Maria! O jarro com água faz favor.

Ao cimo de escada ti'Maria desenrosca o xaile e espreguiça um bocejo lento.



Esmola

Frederico pôs quatro moedas de cinco escudos sobre a mesa, dizendo que eram por conta de uns dinheiros.

Apertou a mão de Júlio, deixou os dentes à mostra por delicadeza, e saiu. Estivera afável mas não conseguira encarar o amigo. Velada e hipocritamente tinham abordado melindrosos casos de família, e suas relações andaram mal definidas por momentos e dias sucessivos. Hoje, talvez essa mesma indeterminação do seu convívio os aproximasse.

Ao contacto com as moedas, Júlio envergonhou-se dos sapatos rotos onde as meias de lã absorviam a lama da calçada e vieram-lhe à lembrança as calças azúis coçadas na dobra e nos joelhos, que escondeu por baixo de mesa.

Toda a sua tragédia de deserdado, porém, o congestionou.

Agoniou-o o recordar aquele barracão em que vivia, na Alta, numa rua de calcetamento desfeito, para onde os moradores despejavam, pelas janelas, tripas de peixe e restos de hortalíça. Um estropiado de olhos tortos e baba pingando o casaco porco, coxeava junto aos portais, olhando, demoradamente, os passeantes. «Pega,

Toninho» diziam-lhe. E o Antoninho, que não era um pedinte, recebia os tostões que a sua desarticulação física lhe criava quaisquer psicoses ignoradas. Costumava parar pela loja do Rocha, à porta de acesso ao segundo andar que a Manuela habitava. Era ali, defronte do Toninho e da Manuela, sobre um terceiro andar, nas águas-furtadas, a casa de Júlio. Ele e Manuela detestavam-se. Talvez pudessem ser amigos... mas olhavam-se altivos e não se cumprimentavam. Ela emagrecia de histerismo. Os homens trepavam até ao seu andar pela noite. Uma vez calhou que o polícia da ronda lhe subiu as escadas a convite, e foi acender-lhe o candeeiro ao quarto. As luzes da vizinhança já nessa altura haviam escurecido. Ele, Júlio — recordava-se bem — entreabrira a sua janela e espreitara com gozo, através do cortinado de renda, as manobras quase militares do guarda. E fora assim que ele apanhara o vício de espreitar às janelas.

No dia seguinte, pela manhã, Manuela, ainda com forças para ataques histéricos, ia, muito regularmente, provocar os clientes do Rocha. Júlio sabia-lhe as aventuras nocturnas e encolhia-se, porque se falasse ela não hesitaria em rachar-lhe a testa, espalhando rodas de escândalo. Ele, porque horrorizava o espectacular, ficava-se pelas frestas da janela entreaberta, morrendo aí seus sonhos de galã. E murmurava despeitado: «Estas...» Imediatamente ocorriam-lhe historietas de mulheres rebaixadas. Era um desforço de seus actos falhados.

Júlio endireitou-se na cadeira e correu a mão direita sobre o cabelo. Afastou ligeiramente o copo de café. Continuou meditando.

Na sua rua a vida coalhava. Cada dona de casa já lavara a «roupa suja» uma vez, pelo menos, para que todos soubessem a vida de cada um. A não ser a casa

do senhor André Moreira, que tinha uma filha de dezoito anos e enviudara, não valia debruçar-se em lugares onde tudo necessariamente continuava idêntico. Porque isso sucedia, Júlio, depois do jantar, enrolava uma mortalha e, de lábios ensalivados, vestia o sobretudo e atravessava o portão da rua. Antes, nem sempre saía. (Diziam na rua que ele houvera então uma paixão surda e absurda pela filha do André, a Maria Luísa). Agora, saía todos os dias. E que não lhe perguntassem onde ia; sem complementos. Contudo o seu itinerário não variava. Descia pela rua larga, parava às montras e ia sentar-se no Café, a um canto. Ali, naquela mesa onde se encontrava agora. Poucos indivíduos lá estavam quando chegava. Entretinha-se vendo os que entravam. Levantava a gola do sobretudo, resguardando-se do frio, mesmo na Primavera. Quando as mesas se enchiam, o criado, geralmente, vinha até ele:

— Boa noite, senhor Meneses.

— Café e bagaço duplo.

O criado blagueava com intimidade:

— É a velha dose, não há novidade. Trago já.

Outras vezes nada tomava ou ficava a dever os cafés. Não tinha dinheiro. Porque, positivamente, como não era funcionário nem metódico, não determinava as suas crises económicas.

Pelas nove e meia os amigos entravam no Café. Tinha alguns, apesar de endividado.

Hoje, dia vinte e cinco de Maio de mil novecentos e quarenta e cinco, talvez dia fatídico para os supersticiosos, até à hora habitual, no Café, só o Frederico viera, e viera sentar-se à sua mesa.

Foi então que se passou aquele episódio entre eles.

— Uma esmola! pensou Júlio.

Houve o pretexto de contas antigas mas a verdade fê-lo estremecer:

— Uma esmola!!!

As mãos agarraram as moedas que ainda se conservavam na mesa, ao lado do copo de café.

Pela vidraça vira o Frederico desaparecer com seu casaco castanho claro de riscas escuras e duas nódoas de azeite nas costas.

O seu benfeitor! Gargalhou. Mordeu o lábio inferior. Ainda não precisava daquilo... de últimos recursos. Vexado!!!

... Mas também o Antoninho doido recebia tostões só porque era doido. Procurou consolar-se. Havia também a Manuela que... e vivia do polícia e de outros e era uma regateira. O Mundo afinal era esterco. Do próprio Frederico que tinha manias de finesse e de humilhar... contavam-se coisas porcas.

E porquê, se não conhecia ninguém sem a sua nódoa de azeite? A Manuela era o que era, talvez só por causa do histerismo. Mas era-o. Com quatro letras bem contadinhas. Habitante do bairro da Alta, onde a vida é baixa e onde os que a vivem nem procuram explicar porque chafurdam.

Júlio remexeu as moedas no bolso, olhou à volta e levantou-se bruscamente.

«O meu benfeitor...» gargalhou e correu para a saída.

Na porta, aglomeradas, algumas pessoas reparam no café cheio e esperam que vaguem mesas.

Génesis

Apanhou-se deslocalizado e inconsciente. A colectividade repelira-o como louco. A olhar-se continuamente ganhara jeitos futuristas em relação à espécie. Já um determinismo biológico orientara os seus ascendentes. Família de escorraçados de um agregado rotineiro e bruto.

Pesaram-lhe os braços ao lado do corpo, e a espinha, na sua obliquidade, teimou em horizontalizar-se. Guinchou em tristeza a sua condição de proscrito. Não se conhecia ainda que pudesse dizer que o sofrimento da família era o trampolim de uma forma evoluída da espécie.

Ia a saltar para um tronco, quando o tronco vergou e partiu. Acontecia lá aquilo a seus irmãos, bem proporcionados, calculadores «a priori» do peso que segurava cada tronco!

Resvalou, pela encosta, à poeira, e uma dor mordeu-lhe o meio das costas. Virou-se sobre si, apertando doidamente a cauda. Rolou não sei quantas voltas e levantou-se a entontecer. Caiu.

Vinte metros abaixo corria um ribeiro, para onde se dirigiu. A luz do sol deu-lhe suores pelo corpo. No espelho das águas se mirou sua imagem.

Cansaço!

Não havia notícia de Darwins ou Buchners para complicar a vida e afirmar que se dava um *passo decisivo na evolução das espécies*. Nem mesmo filólogos que pronunciassem em bom grego de Péricles o termo «pithecantropus». Isso seria trabalho do próprio animal escorçado, quando mais tarde, olhando o passado, se lembrasse de outra fase da sua vida. Foi talvez um instante, talvez uma eternidade que se não aprendeu só para que os antropologistas não soubessem se o homem fora o tal «pithecantropus erectus» ou outra coisa qualquer. Mas que diabo de mania a nossa de procurar para todo o efeito o seu porquê, para toda a causa uma finalidade. E porque nos apertamos em hábitos, custa aceitar que as coisas talvez possam existir sem finalidade nem causa. Do «pithecantropus» ficou no ar a lembrança, como num conto de fadas.

Brilhante como carvão em brasa, o homem abaixou-se junto do ribeiro a contemplar-se. Havia em redor sossego de horas a acordarem-se. Impaciência da Natureza por ouvir o dia. Do negro da noite nasceu a madrugada.

O carvão foi luz e deu luz sem deixar de ser carvão. Assim o branco não foi mais que a consequência de um negro que no ribeiro, embasbacado ante a beleza da sua própria imagem tanto a amou que a tornou exterior e independente de si. A imagem foi a figuração da sua alma, do mesmo modo que os poetas figuram na poesia a sua própria. Amando-a, amou-se a si próprio. Depois, afastou-se do ribeiro, gritou por aquele já homem que viu distanciar-se com ele. Parou e voltou, louco quase, a beijar a água. Espelhenta, admirada, a outra figura fitava-o deitada à superfície. Só diferia dele em ter a cor amarelada de quem nunca andou ao sol e sofreu de

anemia. Deitou a mão à água, alucinado, e quis agarrar a imagem. As águas turvaram-se; da mão saíram-lhe tremendas ondas circulares.

Voltou atrás e correu pela planície, triste por ter desfeito o seu castelo com um simples gesto. O negro. Deus lembrou o seu Adão destruído e ficou desalentado, braços em cruz, uma contracção de lábios. Havia um caminho, sem baixos nem altos, incalcado.

Sentiu gritos atrás, voltou-se. Era um homem como ele. Trazia os sinais de imagem do ribeiro, e o negro, gargalhando, abriu os braços. Humanidade.

Mas aquele corpo era afinal muito diferente de si. Vinha frio de água, e parecia um autómato. Não tinha coração. Contava anedotas porcas como a do sapateiro e da filha, e o seu corpo molhado queimava quando se lhe tocava. Começou logo por fazer tropelias: coseu a boca do negro aos cantos e amachucou-a com um soco. Esborrachou-lhe depois o nariz e desatou a rir. Calou-se, levantou os olhos, e vendo o outro impassível atirou a primeira asneira: Negro! Aquilo saiu-lhe tão do fundo e com tanto ódio que o negro sem querer chorou. E as suas lágrimas para sempre — o seu brilho de luar. Olhando aquela estrada longa da vida, o negro tristemente desistiu num suspiro: — Não vale a pena! O branco saltou-lhe às costas, cravou-lhe as garras na carne, rompeu-a fortemente até o sangue saltar em golfadas. Lambeu-o, e com a língua vermelha, cuspiu em todo o sentido: Caminha negro!... E a vida começou!... Começou, não. Continuou. Onde ficará o começo de uma tragédia, sempre aos fardos de dominadores? A alma do negro escureceu, a sua pele torrou-se mais ainda; a dor envolveu-o, preservando-o das felicidades terrenas.

Caminha negro!

No meio do caminho (mas o que será o meio de um caminho sem princípio nem fim?) o negro deu um pinote e disse: Basta!

O parvo do negro! As garras foram mais fundo no seu corpo, e o branco mordeu-lhe o pescoço.

— «Espera que já te lixo!»

E criou o direito. Uma palavra que se não definia porque era o meio de o branco estar a cavalo e não convinha que se soubesse ao certo a sua natureza. Dizia-se que realizava a justiça, que trazia igualdade para todos, pão para todos, e mataria arbitrariedades. Mas por causa desses direitos, que o branco mais forte fizera, estava o negro a fazer de cavalo.

O negro cansou-se daquela vida de cavalo. As pernas dobravam-se moles pelos joelhos. Um rosto de bocejo ia-lhe a dizer outros rumos. Sem saber porquê, tremeu e pôs-se aos pinotes. De vez em quando até fugia do caminho direito para mostrar ao branco que dos lados havia pedregulhos. Agora o pinote foi mais forte, mas acabaram por cair os dois. O branco olhou do chão para a copa das árvores e as suas garras desapertaram um pouco a carne negra. «Faz tão bem olhar do chão» pensava o branco, mas não o dizia.

Foi num instante não registado. A estrada continuava sempre em nossos olhos sem atrasos. Até que nos enterrámos no lodo. O «caminha negro» perdeu a consistência. Houve um grito de «Acudam»?! O branco... o preto? À medida que nos afundávamos nossos olhos turvos viam milhares de negros e brancos opostos em pé de guerra.

— Meu irmão negro!

O negro talvez não pense já que «Não vale a pena».

Indivíduo preto

A classificação dos concursos para chefe de secção está no gabinete do sub-director dos Caminhos de Ferro, claramente explícita e assinada pelos membros do júri. Feita só a rectificação por ordem do subdirector.

Tudo se passa, aparentemente, como se se tratasse apenas de uma rubrica sobre mais um dos burocráticos diplomas do funcionalismo. À porta, assoma meio gago, a cruzar as mãos com as palavras, desastradamente pesaroso por importunar as lazeirices do senhor sub-director:

— Era o papel dos concursos para metermos nas máquinas, que a «ordem de serviço» está quase impressa — diz o Manuel da Silva, empregado da tipografia privada.

— Olhe... espere. Ou vá-se embora, que não vi o assunto ainda.

Sobre a secretária as decisões do concurso teimam em desmenti-lo:

— Vá-se embora!

O Manuel da Silva, a dobrar o pescoço, afasta os olhos da mesa e retira-se.

Há em toda a tipografia uma enervação provocada pelas demoras do sub-chefe. O trabalho não avança, e a

ordem tem de sair. Não haverá quem perceba que os atrasos podem vir dos senhores chefes. O pior não está nessa incompreensão, mas na certeza, quase matemática, de que a repreensão registada cairá sobre o pessoal inferior. E nenhum deles se atreverá a culpar os chefes.

A vida dos operários e subalternos esfola. Às vezes, nas horas de trabalho, cruzam os braços e lêem nos anúncios a secção das «ofertas e procuras» e sobretudo a dos «empréstimos sobre penhores». Trabalham em horas extraordinárias porque tudo lhes vem tarde, e tem de sair normalíssimamente a tempo. E sai, apesar da tesouraria jogar o *slogan* de que «não há verba». Fica-lhes a festa a dez e doze horas de serviço só parcialmente remuneradas. O tempo, por seu lado, faz hábitos, e ilude a reorganização racional do trabalho. Em determinados dias, os operários por impulso mais que por lógica, reprovam, entre eles, a meia-voz, aquelas arbitrariedades.

Hoje, o senhor M. da Silva não convence os companheiros da existência de um motivo justo dos atrasos. Faltam-lhe argumentos.

— Estive no gabinete do chefe...

Levanta a sobancelha esquerda, tosse e crê na sua importância, repetindo em pensamento: «estive no gabinete do chefe»!!! Depois continua, mentindo um pouco também:

... mostrou-me um montão de *assuntos urgentes* e prometeu atender-nos em primeiro lugar.

Quando o Manuel da Silva pensa acrescentar adjetivos elogiosos ao nome do sub-director encontra olhos de gargalhada a cortarem-lhe a voz. Como não é redondamente bruto, pega no jornal e espera que do silêncio que então fica, nasça outro motivo de conversa.

O senhor Meireles noutra sala ao lado, levanta-se bruscamente e abre a janela. Primeiro andar, nas traseiras da repartição donde se vê a avenida de Sá da Bandeira e todo o seu movimento. Na rua, compõem o macadame uma dúzia de negros com regadores de alcatrão e troncos semi-nus em suas camisas rotas. Talvez alguns, a maioria, se sintam feliz nessa insuficiência de vida: trabalho de besta e arroz. A tragédia do homem só nasce da consciência de se bastar e querer ir além, de ver na felicidade o começo da infelicidade. Os negros porém, deviam ser todos dóceis, activos como máquinas, e com a inteligência necessária apenas à satisfação dos desejos dos brancos. Os que assim não são persistem só para complicar as coisas. Imaginem que por causa do raio de um destes, está o serviço pendente. Não se devia interpretar tanto à letra o Humanismo nas colónias. A própria existência das colónias contradiz por si o Humanismo.

Da sala ao lado, entrou o aspirante Ferreira com requerimentos a despacho. O Meireles recebe o novo fardo.

Senta-se à mesa. Entretanto o cartão de visita do Senhor Arcebispo chama-o para fora da papelada trazida pelo aspirante. Ainda na véspera o senhor D. José viera falar-lhe no caso do concurso. «Não venho, pròpriamente meter-lhe uma cunha; isso, em quaisquer circunstâncias repugnaria à minha dignidade de homem e de representante do Justo». Vinha, com a razão nas mãos, mostrar-lhe a necessidade de defender o património do colonizador. O caso era simples: o negro António Neves ascendeu a uma posição grada no funcionalismo. Qualquer injustiça sobre ele podia hàbilmente explorar-se para tentar agitar os negros. As perseguições racistas acentuavam-se; a habilidade dos melindrados e a persistência de injustiças causariam na massa negra,

não a compreensão clara da pata opressora, mas um mal-estar colectivo, uma vontade de dizer «Não!», a pulmões cheios, de escoicinhar sem saber como, nem em quem. Se os negros civilizados fossem contentados no mínimo necessário, a evolução negra até à compreensão da verdade seria muito morosa. Os próprios beneficiados, egoisticamente, trairiam o bem-estar de milhões de irmãos. A questão estava toda nisto: não bulir com os negros civilizados, por uma questão de conveniência não muito remota.

Ao despedir-se, o Arcebispo voltou a insistir:

«... Lembre-se de que as autoridades superiores enfileiram a meu lado nesse pensar. E olhe que não venho armar em defensor de negros. É que é de toda a conveniência que proceda consoante...»

A mão beijada, o Arcebispo julgou triunfante a sua opinião, e retirou-se.

O Meireles largou o cartão de visita e voltou à janela. Todas as palavras do padre martelando-lhe a memória, lhe pareceram ilógicas. Como nomear um negro, que os futuros subordinados brancos não aceitarão como superior? O Neves é o segundo classificado e já vítima de artifícios racistas do júri. Há dez vagas de preenchimento urgente. Escasseiam meios de eliminar o concorrente. A arbitrariedade não avançará agora nem um centímetro sem escândalo.

«Se fosses como teus irmãos, mero carregador do cais, ou desentupidor de fossas!... não levantarias novos problemas a ti e a nós. A vida seria suavemente menos alcantilada. Serias feliz porque eras do teu mundo, e te bastavas nele.»

O Meireles dá dois murros no parapeito como que para mudar o ângulo de visão de seus pensamentos. A verdade é que o caso já não é de lamentos. Tem a naturalidade fria das leis físicas. O subdirector esgravata

as unhas de mão esquerda, com a unha pontuda do mínimo da direita. Uma sujidade escura cai perdida...

O Neves tinha bom comportamento como cidadão e funcionário. Na Administração Civil e segurança pública de nada serviria esse comportamento. Bastava a cor, como cartão de rejeição. Nas outras repartições... enxa-meavam aqueles bicos de obra. Negros a quererem ir além do que uma condescendente colonização permitia.

O Meireles olha com ódio os trabalhadores da rua. «São todos o mesmo!» Volta a sentar-se e, inseguro, tine a campainha, a que o servente preto Zafania acode. A farda caqui, os olhos abertos, à espera.

— Costuma pedir-se licença, meu cão! Rua!!! Entra outra vez e com mais respeito.

O Zafania aparvalha-se.

O subdirector precisava falar aos componentes do júri. A ordem de classificação dos concursos castigava-lhe o cérebro. Nevralgia! Lembra as últimas recomendações do arcebispo... «olhe que não venho armar em defensor de negros. Mas é de toda a conveniência que proceda consoante...» Os negros das estradas, os serventes, os moleques de casa, o Neves, baralham-se-lhe num xadrez de psicologia e aspectos físicos diferentes, que ele mantém unidos debaixo da raça.

NEGROS!...

.....
O Manuel da Silva e companheiros lá apresentaram a ordem de serviço no dia próprio. Tinha ao alto o nome da repartição logo abaixo de «Serviço de República». Vinham nomeações para capatazes, transferências de praticantes de escritório e novas normas de admissão a concursos públicos enviadas pelas autoridades superiores da Administração Colonial. E acabava nesta frase habitual: «A Bem da Nação».

Dizia-se que o Subdirector nada decidira sobre os concursos de primeiros oficiais, aguardando a vinda de férias do Director para dali a um mês.

.....

Algum tempo depois, numa Ordem de Serviço, o Subdirector era castigado por incúria na resolução de problemas prementes da repartição.

Em terras do Norte

Desembarco no apeadeiro do Alto, a quatro horas da estação inicial da linha. Estou de pé, na plataforma quase deserta do apeadeiro, vestindo um fato cinzento, desvincado e ruço. Numa mala de mão, trago camisas, cuecas e pouco mais. Escaldo, com o Sol, a pino, sobre a testa. Uns homenzinhos olham-me à distância, procurando fazê-lo naturalmente, como se tivessem visto muitos como eu. Sou negro e uma cicatriz cavada rasga-me da fronte à maçã do rosto, sobre o olho esquerdo. Reparo que esta gente não gosta da minha cor; aliás, explica-se pela inveja remota dos navegadores de quinhentos, que ao contactarem com os povos africanos lhes apeteceu a cor destes. Eram os europeus deslavados de mais para lhes não agradar certa tonalidade de pele. Impossibilitados de adquirir, apelidaram os subjugados de pretos e chamaram-lhes a cor mais repelente. Hoje, ninguém percebe que a nossa cor não é preta. «Preto é carvão» diziam os ofendidos moleques da minha terra e com razão.

Venho fazer reportagens a estas regiões do Tua onde há paludismo como em qualquer recanto intertropical.

No combóio encontrei dois guardas-fiscais que viajavam para a fronteira. Cortavam melancia a canivete.

— «O senhor é *mesmo* da África?!»

Pouco me disseram do lugar que vou conhecer. Havia boa vinhaça (dali saía o chamado vinho do Porto). Todos possuíam bocados de terra «onde traziam umas couves, oliveiras; não se morria à míngua como no Alentejo». E não adiantaram mais. Na Câmara, talvez houvesse «papeladas» sobre o lugar.

Desci do combóio com estas informações e a direcção de um caseiro que me convidara seis meses atrás.

Agora, rodeiam-me, espantados, rapazinhos em idade escolar; os pais vigiam, de longe. Acarinho um, que continua impassível. Olham-se significativamente, acentuam mais o seu espanto, e retiram-se um a um ou aos pares. Qualquer dos mais velhitos ri. Passo a mão na carapinha despenteada; o braço esquerdo entalo-o entre as abas do casaco e ando de um a outro lado da gare como se esperasse alguém. O chefe do apeadeiro, sentado no gabinete, espreita-me pelos óculos de aro de aço. Um trabalhador vai descalço, o cabelo intonso tapando-lhe a testa e atrapalhando a visão, calças de riscado descobrindo as canelas. «Bom dia, senhor», e segue pela encosta para o povoado, a uma légua.

O apeadeiro serve apenas meia dúzia de quintas e é escusado procurar alguém que não seja o pessoal ferroviário, caseiros e trabalhadores. Raro encontrar gente do povoado mais próximo porque utiliza outra estação.

Do bolso do colete tiro o cartão amarrotado do João Filipe. Encontrámo-nos por uma noite em Coimbra. A minha interferência livrou-o de um sarilho. Juntos, seguimos, amigavelmente, não sem que o João Filipe me entregasse o seu cartão de visita pedindo, exigindo quase, que o visitasse na quinta. Levaria a mal se o não fizesse. Mercê das circunstâncias, ligeiramente alcoolizados, e depois de eu lhe prestar ajuda, aceitei com restrições o seu cartão de visita e não mais pensei no caso. Ocupavam-me, demasiado, assuntos da minha

África e as restantes terras surgiam-me apenas como acidente, como mero lugar de passagem. Só numa ou outra deixava amigos e pensava tornar a elas. Mas, voltas que a vida dá, preciso agora do João Filipe. Dirijo-me a um trabalhador parado a dois metros. Sobre a linha férrea o combóio desapareceu no escuro túnel, deixando restos de fumo pelo ar. Cortou-se, assim, por doze horas a ligação com qualquer cidade através da ferrovia. Pergunto pelo João Filipe. O homem gargalha. Depois, em voz alta, para os amigos:

— Procura o João da Eduarda...

— Está para o povo, vai para dois meses.

Abandonara o emprego por um lugar no povo.

Procuro tornar-me simpático ao meu interlocutor. Gabo as terras, falo da «boa vinhaça» que ouvi citar no combóio e exagero a ponto de gabar a virilidade dos habitantes, vigorosos como castanheiros. Depois, mudando o tom de voz, simulando receios, falo de meus propósitos: conhecer a terra e ir para os jornais com reportagens.

— Isso não dá nada. Já cá estive um escritor de nome...

Apesar de lhe não ter dito nada da minha identidade, duvida que haja em mim um escritor como o que passou pela terra. Esta cor negra e a cicatriz assustadora dão pouco crédito. O «escritor de nome» nascera de pais dali e educara-se num concelho próximo. Estudou a terra desde os dez anos, foi para Lisboa dirigir campanhas e em prol da terra natal.

— ... e conseguiu?!...

Mais conseguira o Júlio Manuel emigrante e que depois de enriquecer doara cinquenta contos para obras na terra.

— Isso de escritos não dá nada, meu rico senhor.

— Pois é — disse-lhe para terminar a conversa.

Aconselha-me que me não meta pelas quintas abaixo, à aventura. Não era para me ofender, mas a gente estava pouco habituada a negros. Quando algum aparecia sem se saber donde, pensavam que era «coisa de Mafarrico» e fechavam as portas. Tinham herdado aquelas crenças que mantinham por inércia. Mas mantinham-nas com o cuidado com que pintavam cruces nos portais para afastar os espíritos maus.

Pela sesta qualquer rapazito me levava ao povoado, se quisesse.

Estou absolutamente indeciso entre ficar mais duas horas sentado sobre uma pedra, de mala entre as pernas, e ir já para o povoado, debaixo de Sol do meio-dia.

Daqui a dois dias esperam a minha primeira reportagem. Irá para fundo por falta de artigos. Disse-me o tipógrafo que põe a letras garrafais e ao alto: *Por terras do Norte, crónicas de viagem*. Nos ecos de sociedade fala-rão de mim entre as pessoas elegantes que viajam.

A estação ferroviária vai fechar. Os trabalhadores que por aqui andam, retiram-se lentamente para as quintas. O chefe fita-me de novo.

Um garoto, o Zé, leva-me debaixo do Sol, pela encosta acima, à procura do João Filipe, no povoado.

Nos lameiros, o Chica, o Pereira e a mulher falam de outro que em tempos passeou por aqui e, que, como eu, era uma raridade da desvalorizada raça negra.

ANTÓNIO AIRES

autor do desenho e arranjo da capa
(inacabados)

Por ocasião da sua morte, ocorrida em 21 de Maio de 1951, Júlio Pomar escreveu na revista «Vértice»:

«Há acontecimentos que nos deixam sem palavras. Dizem-nos que alguém já não existe, quando esse alguém ainda há pouco estava ao nosso lado, carregado de juventude e de promessas. Não nos é possível conciliar a ideia da morte com vinte e dois anos exuberantes de António Aires. Mas aos vinte e dois anos bruscamente, António Manuel Aires encontrou a morte. O acontecimento fica inteiro na sua brutalidade — gela-nos.

Quando as promessas se estavam a tornar em realidade, quando o entusiasmo ganhava raízes. Na escassa obra que nos deixou — que mais podia ele ter deixado? — um homem abria-se para o mundo, comovido, interessado, confiante. As pinturas e os desenhos de António Aires falavam da sua juventude voluntariosa, estavam de acordo com a sua presença, apontavam-lhe uma carreira fecunda.

Ele estava naquele grupo de jovens artistas que se revelaram através das Exposições Gerais de Artes Plásticas e que, sem dúvida, boa contribuição vem dando para a renovação da pintura portuguesa.

Com Sá Nogueira, Lima de Freitas, San Payo ou Querubim Lapa — seu companheiro inseparável — António Aires pertencia ao número dos que, passo a passo, têm vindo a conquistar uma posição sua, a chamar sobre si a atenção do público.

Dos primeiros retratos à grande «Volta do Mar» ou ao «Rapaz com Peixe» das exposições do ano passado; dos «Tocadores de ocarina», ou da sensualidade quente das «Mulheres tomando chá» aos belos desenhos deste ano, alguém aprendia a conhecer o terreno que pisava, uma personalidade acusava-se e pedia apenas tempo e experiência.

Mas fechou-se a porta sobre a vida — a obra que mal teve tempo de principiar, logo terminou. Quando mais havia a esperar, a morte interpôs-se — aos vinte e dois anos. Um lugar fica vazio ao nosso lado.»

ÍNDICE

PÓRTICO	5
Introdução	9
Godido	17
Sonho de negro	37
Godido (extra)	41
Outros contos	47
Um conto para abrir	49
Aniversário	55
Um conto	59
Rembrandt	63
Eu tenho nome	69
Um conto para a Odete	73
?	77
Rua Direita	83
Esmola	89
Génesis	93
Indivíduo preto	97
Em terras do Norte	103
ANTÓNIO AIRES	107



**Edição da
Secção de Moçambique da
CEI – Lisboa
1952**



